

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE ARTES

GEORGINA JOSÉ VICENTE OLIVEIRA

# Quem quer contar sua história?

Um estudo da música no processo criativo do ator e atriz no Teatro Playback

# GEORGINA JOSÉ VICENTE OLIVEIRA

# Quem quer contar sua história?

Um estudo da música no processo criativo do ator e atriz no Teatro Playback

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Teatro.

Orientador: Elton Bruno Soares de Siqueira

Dedico este trabalho à minha amada mainha, exemplo de amor e representatividade da força da mulher preta que me inspira e contribuiu para a formação do meu caráter.

#### **AGRADECIMENTOS**

À minha fé, que sempre guia e abre os meus caminhos.

À minha mainha Lucinéa, que não está mais nesse plano, que mais amo nessa vida, a responsável pela minha força e persistência em vida, acredita/acreditou e sonhou comigo todos os meus sonhos e existe em cada realização em mim.

Ao meu pai, com seu jeitinho, sempre acreditou em mim e me ama em tudo que proponho a fazer.

Ao meu amado presente, Felipe, que veio tornar meus dias mais lindos e leves.

Aos grandes mestres, professoras e professores do Curso de Teatro/Licenciatura da UFPE, em especial aos meus professores inspiradores, Roberto Lúcio, Maria Clara Camarotti, Izabel Concessa, Marcondes Lima e Luís Reis, que acreditaram em mim e me fizeram vencer as minhas inseguranças na Academia.

Ao meu orientador, Bruno Siqueira, que embarcou delicadamente junto comigo nessa pesquisa.

À Clarice Steil Siewert e Sheila Donio, pela contribuição e disponibilidade durante minha pesquisa.

À Cynthya Dias graduanda em Teatro, que se mostrou disponível em realizar trocas no processo da minha pesquisa.

Às atrizes e os atores entrevistados, pela colaboração generosa, sem a qual não seria possível a execução deste trabalho.

Aos meus amigos e amigas fiéis que me incentivaram e sempre acreditaram em mim.

Ao teatro e à música, que impulsionam a minha vida, são meus respiros e me fazem renascer todos os dias.

#### **RESUMO**

A relação das linguagens artísticas teatro e música foi sendo modificada com o passar dos anos. No teatro contemporâneo, o diálogo com a linguagem musical deixou de ser estabelecido apenas como serviço de apoio para a cena, sendo possível atualmente encontrar a música no teatro assumindo papéis nos processos criativos para o ator e para a cena. Dessa forma, tendo como ponto de partida o teatro playback como objeto deste trabalho, proponho uma reflexão sobre a influência da música nos processos de criação de alguns dos atores do playback no Brasil. Para essa pesquisa de caráter qualitativo, usamos como metodologia a aplicação de uma entrevista para dez atores e atrizes de teatro playback em três regiões do país, objetivando entender o fluxo da relação do ator desde os primeiros contatos com o teatro de improviso até a sua experiência com a música durante a criação cênica no teatro playback. Logo, verificamos que a influência da música no processo criativo desse gênero de teatro aponta para pontos convergentes e divergentes, a depender do contexto particular de cada ator e atriz, não sendo possível padronizar uma forma única para o processo de criação dos atores do teatro playback.

Palavras-Chaves: teatro playback; música; teatro de improviso; ator; atriz.

# Sumário

	6
	8
	8
1	0
1	2
1	4
CAPÍTULO 2 - O ATOR E ATRIZI	8
2	22
2	27
2	27
2	29
3	31
4	18
5	0
5	51

# INTRODUÇÃO

Quando pensamos em processos criativos na linguagem teatral, temos a possibilidade de nos apoiarmos em diversas metodologias que têm o objetivo de desenvolver habilidades criativas de excelência para o alcance do público. O ator, atriz, encenador ou docente de teatro que trabalha com esse objetivo, busca maneiras de potencializar sua construção criativa a partir de elementos inspiradores que impulsionam a sensibilidade e o insight criador.

Em minhas experiências artísticas vivenciadas como atriz, cantora, na minha relação com a música em meus processos de criação e como discente no curso de Licenciatura em Teatro, pude perceber pouco diálogo, que por muitas vezes parecia ser inconsciente, da música com os laboratórios de criação dos atores e das atrizes na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foram essas vivências que me incitaram ao aprofundamento e questionamentos sobre o elemento – música – como estimulador de processos criativos.

Tive também a oportunidade de fazer uma oficina de teatro playback no evento "Usina Teatral" do SESC Santa Rita/PE, no ano de 2017, que desencadeou a minha ação investigativa. Considero essa experiência como meu maior estímulo, uma vez que conheci essa forma improvisacional de fazer teatro, a qual me fez investigar mais essa prática que utiliza a música como componente da base criativa, mesmo entendendo que o improviso nela presente pode acontecer sem a base musical.

Muito mais que contribuição estética para a linguagem teatral, percebi o quanto a música pode estar presente em diversos lugares dos processos criativos, consciente ou inconscientemente, além do produto cênico: nos trabalhos corporais do ator que antecedem o resultado cênico; na prática docente em Teatro, que pode se valer da música como suporte metodológico; dentre outros.

A partir de um levantamento sobre a influência da música no processo criativo teatral do ator/atriz, verificamos poucas pesquisas acadêmicas que evidenciam seu uso como dispositivo relevante para a criação do ator ou atriz. Normalmente, as discussões partem da natureza da música em cena, como sonoplastia, trilha sonora; porém pouco se destaca como a música pode ser um elemento importante que influência a criação do ator/atriz.

Diante desses afetamentos motivacionais que obtive em minhas experiências teatrais e com o levantamento bibliográfico que fiz sobre o tema, dediquei-me a refletir não só sobre minha experiência, mas sobre a dos atores e das atrizes do playback que compartilham da

vivência criativa em um teatro que utiliza em sua estrutura o gênero improvisacional e, na composição criativa, uma diversidade de estímulos visuais e não visuais, como o sonoro.

O presente trabalho propõe uma reflexão a partir da experiência do ator/atriz de teatro playback em seu processo de criação, especialmente com o uso da música, um dos elementos existentes na cena improvisacional do playback que influenciam como estímulo de criação.

No primeiro capítulo, apresento o que vem a ser o teatro playback, sua origem e particularidades de como se configura essa estética. No segundo capítulo, trato do ator e atriz de teatro playback e apresento uma discussão sobre o conceito de teatro de improviso a partir de Viola Spolin (2010), relacionando-o à prática improvisacional do teatro playback, a fim de aprofundar as reflexões do gênero de teatro de improviso, no qual o teatro playback se insere. Por fim, no terceiro e último capítulo, descrevo minha experiência com o teatro playback e apresento a experiência de alguns atores e atrizes entrevistados, referente a seus processos criativos, a partir da influência da música na sua criação dentro do teatro playback.

Diante do cenário exposto, considerando as indagações e elaboração da estrutura dessa pesquisa, o trabalho propõe responder reflexivamente, partindo das subjetividades dos atores e atrizes entrevistados do teatro playback, a seguinte pergunta: Quais são as influências que a música pode exercer sobre o corpo do ator/atriz na criação cênica improvisacional do teatro playback?

Esse trabalho é um convite gentil para a reflexão, é também um espaço de compartilhamentos, um convite para mergulharmos na mágica real que é viver o teatro playback. Portanto, estejamos disponíveis e gentis para si e para o outro. VAMOS VER?

## CAPÍTULO 1 – O TEATRO PLAYBACK

# 1.1 Origem e Características

O teatro playback é uma forma teatral improvisacional em que os atores e atrizes improvisam histórias de eventos reais narradas por pessoas que estão na plateia. Essa forma de fazer teatro é deveras acessível, pois, além do espaço convencional do palco italiano, pode acontecer em qualquer espaço físico, adaptando-se às necessidades do lugar e à diversidade das pessoas. O objetivo original do Playback é um teatro de vizinhos, que dê voz aos menos ouvidos, tendo a possibilidade de partilhar com o coletivo as experiências individuais de pessoas do público que desejam contar casos e histórias, a partir do estímulo do condutor do jogo.

As histórias que são narradas partem de experiências reais. Tudo que consideramos uma experiência de vida pelo ser humano pode ser narrado e encenado no teatro Playback, "do mundano ao transcendente, do hilário ao trágico – e algumas histórias podem conter tudo isso junto". (SALAS, 2000, p. 23)

Na natureza do teatro playback, todas as histórias pessoais são importantes. No momento em que elas são narradas, são repassados valores e mensagens construídos e ritualizados em nossos processos culturais. Dos vários elementos que diferenciam o teatro playback das outras formas de se fazer teatro, destaca-se a compreensão da importância que as experiências individuais assumem a cada momento que uma pessoa resolve e permite compartilhar sua história. O ato de contar nossas histórias permite que possamos, junto ao coletivo, (re) significar nossas próprias experiências.

É importante considerar que a eficácia da expressão no teatro playback não é de cunho exclusivo do ator/atriz profissional: todos podem experimentar atuar no playback, já que todas as pessoas podem construir algo capaz de afetar o outro com respeito e sensibilidade.

O teatro playback foi criado por Jonathan Fox e desenvolvido por ele e sua esposa, Jo Salas, em 1975, nos Estados Unidos. À época, ele era ator, escritor, professor universitário de inglês e tinha como inspirações os valores dos teatros alternativos experimentais e as tradições orais primitivas. Também na década de 1970, Fox fez sua

formação em psicodrama no Instituto Moreno, além de ter sido voluntário do Peace Corps (Exército da Paz) no Nepal. Nesse país, ele assistiu a um teatro feito num ambiente comunitário, pelos próprios moradores, diferente da forma tradicional de teatro, com a qual não se motivava.

Fox, então, começou a pensar num teatro sem roteiro, subjetivo, informal, falando de pessoas reais, dirigido a diversos grupos, como crianças, adultos, idosos, e podendo acontecer em qualquer lugar. Cria, inicialmente, com participação de sua esposa, suas primeiras experimentações do formato que posteriormente seria conhecido como teatro playback, com o grupo "It's All Grace" (Tudo é graça), apresentando-se em praças, igrejas, instituições diversas.

Paulatinamente, foi-se construindo o caminho para a formação da The Original Playback Theatre Company (Companhia Original de Teatro Playback), com a construção de um teatro de improviso que pudesse ser baseado nas histórias da vida real das pessoas da plateia e encenadas por atores no palco ou em outro espaço cênico.

Nascido no Ocidente, no período pós-guerra, o teatro playback situa-se em meio a vários movimentos. Além das inspirações já citadas e formações vividas por Jonathan Fox, é pertinente pontuar outras influências importantes para a estética do playback, tais como o psicodrama, o teatro experimental, Paulo Freire e o Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

Considera-se que a formação de Fox em psicodrama pelo Instituto Moreno deu suporte para o estabelecimento e circulação do playback. Foi através dessa formação que o playback passou a ser facilitado em seus estudos e práticas em muitos dos espaços pelo mundo. O contato de Fox com os estudos do psicodrama proporcionou o encontro com o teatro que ele desejava: esse contato mais íntimo com o outro, essa visão simples e cuidadosa da experiência que o outro tem para oferecer e partilhar.

Em relação à configuração política e moral do teatro Playback, Paulo Freire foi uma outra influência. Fox também não negou que as ideias do Teatro do Oprimido de Boal fossem uma inspiração em suas investigações, mas deixa claro que não há uma relação direta entre as duas formas de fazer teatro. De acordo com Siewert (2009), considerando a importância de Boal, os preceitos do teatro do oprimido não foram fundamentais para a criação do teatro Playback e seus aprofundamentos.

Na história do Playback, não encontramos referências ao teatro experimental, conforme Siewert (2009) sinaliza. Apesar disso, o grupo *It's All Grace*, que antecedeu à

estética do playback, foi quem mais se aproximou de um teatro experimental. Não obstante, Fox simpatizava com o teatro experimental, porém entendia que esse tipo de teatro se definia como qualquer forma nova que possuía a natureza de experimentar. Ainda assim, podemos perceber a influência trazida do teatro experimental para o playback, no que se refere à sua visão política e estética, em oposição ao teatro tradicional.

#### 1.2 Cenas e formas

Considerando a expansão do playback em vários países, os grupos escolheram maneiras específicas de como fazer acontecer esse teatro. Sendo assim, existem várias formas de interpretar as histórias do playback com as quais entende-se representar a estética do teatro playback.

Antes das cenas, é necessário a preparação do público. O condutor tem o papel fundamental num espetáculo de Teatro Playback, pois é o responsável por explicar o que é o Playback para a plateia; por nortear os atores e atrizes resumindo a história do narrador e indicando o momento em que a cena deverá ser encenada; por estimular um ambiente confortável, desenvolvendo a confiança, para que as pessoas da plateia se sintam à vontade em compartilhar suas experiências individuais com o coletivo. De acordo com Salas (2000, p. 43),

o condutor sabe que uma de suas primeiras tarefas é explicar às pessoas novas o que é o Playback e mostrar que se trata de um lugar seguro para contar suas histórias. É muito importante ter um ritual de abertura, tanto para as pessoas que frequentam regularmente quanto para aquelas que estão ali pela primeira vez. O condutor deve ressaltar que as histórias reais de pessoas comuns são valiosas para serem compartilhadas em público e para receberem um tratamento artístico.

A ritualização praticada no teatro playback é essencial para o funcionamento da estética dessa forma de fazer teatral. Não há como excluir esse momento da experiência. O playback precisa de todas as pessoas disponíveis para que ele aconteça. Há um certo hábito no playback que contribui para o ritual do espetáculo, um cortejo que busca demonstrar e familiarizar o público com o formato do espetáculo. É importante que esse ritual do cortejo possua uma diversidade em relação a cada grupo de teatro playback, se relacionando com as particularidades de cada grupo.

Após o cortejo, é importante que a plateia se integre ainda mais. Apesar do ambiente mais agradável proporcionado pelo cortejo do grupo, as pessoas precisam confiar no coletivo para contar suas histórias. Nesse momento, um dos atores/atrizes compartilha alguma situação ou sentimento que vivenciou até o presente momento, ou seja, algum sentimento relacionado com o contexto subjetivo e presente da vivência do ator/atriz, para que, em seguida, essa narrativa seja encenada por outros atores e atrizes. A pergunta que o condutor faz é bem simples, tendo o objetivo de estimular as pessoas da plateia a compartilhar suas histórias, despertando a contar como se sentem naquele contexto do dia até o momento presente.

Conforme Salas (2009, p. 44.), as formas curtas se configuram em conjuntos curtos e abstratos de som e movimentos. Esse momento traz o ator/atriz para mais perto do público, mostrando que ele também é um ser humano, que possui histórias e sentimentos como qualquer um.

Em seguida, a pergunta é passada para a plateia e, assim, as pessoas vão compartilhando seus sentimentos e depois vão vendo-os serem encenados nessas formas. As cenas curtas servem como um exercício de aquecimento para a plateia, possuem características de praticidade, poéticas que estabelecem em curto tempo as informações do delineamento do Playback, como serão ouvidas, sentidas e encenadas. Essas formas podem aparecer no meio ou final do espetáculo, pois o condutor poderá diante da história narrada achar ideal sua aplicação.

As cenas ou formas curtas se dividem em vários tipos: escultura fluída, transição, narrativa em V, coro, histórias em quadros, haicai dinâmico, três solos, três vozes, três paradas, improvisação livre, poesia e música, em quadro, coro interruptus e o ser sábio.

Após as formas curtas serem representadas, chega o momento mais importante do teatro Playback, que é a "encenação das histórias" dos espectadores, ou histórias grandes. O condutor deve apresentar os elementos necessários para esse outro momento. Até chegar a esse momento, os sentimentos das pessoas da plateia são compartilhados do lugar que elas estão, as falas são mais curtas e não é necessário que as pessoas se desloquem do seu lugar.

No momento da encenação das histórias, é papel do condutor também situar como se estabelece esse momento: é informado que as pessoas precisam ir até o palco e sentar na cadeira do contador de histórias, para compartilhar suas histórias. Ele vai explicar a importância de essa história ser pessoal, vai exemplificar contando algo que vivenciou,

deixando claro que qualquer experiência tem sua importância, seja ela feliz, triste. O que importa é que ela seja vivida e sentida pelo narrador ou narradora.

É necessário pontuar que o início das cenas é demarcado com a música, que é um elemento importante para o teatro playback, dentre outros que detalharei no decorrer desta monografía. A música faz parte da estética do playback, moldando a cena, ambientando o clímax para um delineamento melhor da cena, tanto para os atores e atrizes quanto para o público.

# 1.3 Campo de atuação

Como construtor de comunidade, o Playback se caracteriza por se relacionar com histórias, pessoas, levando consigo a história de todos. Na busca de chegar ao máximo das diversidades das pessoas, histórias, espaços, o Playback foi construindo sua forma e sua estética num modelo não convencional conforme seu objetivo. Nas palavras de Salas,

Nossa tarefa no Playback theatre é ir além do que normalmente fazemos em nosso modo de contar histórias do cotidiano. Nosso trabalho é revelar a perfeição de formas e o significado de qualquer experiência, mesmo que seja narrada de maneira nebulosa e informe. Conferimos dignidade às histórias, com ritual e consciência estética, interligando-as para que formem uma história coletiva a respeito de determinada comunidade, seja a comunidade transitória constituída pelo público de um espetáculo, seja um grupo de pessoas cujas vidas estejam interconectadas de forma mais continuada. Um grupo de pessoas que compartilha suas histórias deste modo não pode deixar de se sentir conectado: o Playback theatre é um poderoso edificador de comunidades. Oferecemos uma arena pública na qual o significado da experiência individual se expande para fazer parte de um sentido compartilhado de existência significativa. (SALAS, 2000, p. 36)

Entretanto, o teatro playback possui objetivos diferentes numa apresentação ou workshop que possa vir a ser oferecido. Conforme Siewert (2009, p. 77), existe uma diversidade de atuação nas aplicações de playback: há grupos que atuam com apresentações regulares diante de público geral, com trabalho dentro do espaço convencional; outros com enfoque na educação, dentro de escolas ou com objetivos terapêuticos em espaços mais diversificados.

A partir dos preceitos contextualizadores dessa prática teatral, pode-se encontrá-la nos seguintes campos de atuação: na educação, no ambiente organizacional, na terapia e no playback artístico. Quanto à educação, ela está envolvida desde a gênese do teatro playback, o

que diferencia é a mudança específica do público, a necessidade de um objetivo educacional preciso e a forma estrutural na qual tem que se adaptar para o ambiente escolar.

Esse objetivo pode ser oferecer um processo de aprendizagem sobre determinado tema, realizando-se em apresentação única ou em trabalhos contínuos, com espaço para debates, entre outros contornos, dependendo também das indicações da instituição na qual o trabalho será ofertado.

Além do campo regular de propagação do teatro playback, Feldhendler (apud SIEWERT, 2009) destaca o crescimento do playback dentro de universidades e variedades nos campos de estudo. Conforme o autor, o playback é ensinado em várias universidades, nas áreas de teatro, linguagem, literatura e civilização, ciências sociais e educacionais, psicologia e trabalho social, e estudos de comunicação intercultural e interdisciplinar.

Trazendo para o Brasil, existe a experiência na área de educação do trabalho de Soares e Cintra (2006, apud SIEWERT, 2009), executado pelo uso do teatro playback por arte-educadores junto aos grupos em visitação a exposições. O arte-educador estimula o grupo a experienciar uma atividade com o playback, para dar continuidade ao trabalho de visitação.

No ambiente empresarial, a prática se inicia desde 1989, quando vários grupos levaram o teatro playback para o setor privado (SALAS, 2000, p. 146). No Brasil, é comum os grupos atuarem nesse espaço empresarial. Normalmente é estabelecido algum tema de apresentação referente ao objetivo que a empresa contratante deseja que o grupo trabalhe.

Salas (2000, p. 146) destaca as funções que o teatro playback pode adquirir nas empresas. "Nela [na arena de empresas privadas] o Playback theatre pode ser um fórum no qual se diz a verdade, as experiências são validadas, desafiando e revisando antigas práticas de administração, tudo de um modo construtivo e criativo." O trabalho com o playback busca que a empresa valorize seus funcionários, que são pouco ouvidos e às vezes possuem sentimentos de frustração dentro do ambiente de trabalho. O playback pode proporcionar oportunidade dos funcionários contarem suas histórias/experiências e falarem sobre o que sentem.

No campo da saúde, Salas não considera que o teatro playback seja uma terapia, mas apresenta eficácia de cura: ele é carregado de elementos curadores. Conforme a autora, contar histórias é um desses elementos; o próprio evento do Playback, o sentido de estar em comunidade, dos compartilhamentos sociais, a ambientação ritualística são elementos comuns às atividades humanísticas que possuem potências auto curadoras.

Muitos dos atuantes treinadores de teatro playback são da área de saúde e utilizam elementos curativos de playback para seu local de trabalho. Há diversas formas de utilização de playback no âmbito terapêutico: sessões de psicodrama, seja um clínico que trabalhe sozinho, ou várias apresentações de grupo de playback para plateia específica, podendo se adaptar mais ainda a esse campo.

No playback propriamente artístico, a preocupação se dá, sobretudo, no aperfeiçoamento da forma, seja no delineamento da cena, seja no trabalho dos atores e atrizes que conduzirão o processo. Porém, é importante salientar que toda a experiência com o playback possui os mesmos objetivos caraterizantes de sua estética, por exemplo: a relação de comunidade, o alcance a uma diversidade das pessoas, entre outros.

Vale ressaltar que o teatro playback também proporciona aos espectadores o contato com a linguagem teatral: a plateia conta suas histórias e experiencia a linguagem, ao ver suas histórias sendo postas em cena. Como atesta Siewert (2009, p. 96),

O teatro Playback pode ser uma boa maneira de um público entrar em contato com o fazer teatral. Para comunidades que não estão acostumadas a ir ao teatro ou para pessoas que acham que o teatro é algo que não lhes diz respeito, o teatro Playback pode ser uma forma de realizar essa conexão.

#### 1.4 Grupos de Playback no Brasil

Conforme SALAS (2009, p. 153), o teatro playback tem seu crescimento desde sua origem, espalhando-se pelo mundo através das pessoas que saem contando a experiência às outras, num desenvolvimento lento, mas sólido. A forma do "boca a boca" fez com que pessoas chegassem e quisessem dar continuidade a essa forma de vivenciar o teatro.

Com a expansão do teatro playback desde o ano de seu nascimento, existem hoje companhias de playback espalhadas pelos cinco continentes. Existem também duas instituições importantes, como The Centre of Playback Theatre (Centro de Teatro Playback), que proporciona formações e apoio administrativo para companhias de teatro playback, e o IPTN - International Playback Theatre Network (Rede Internacional de Teatro Playback), responsável por reunir grupos do mundo para discussões, estudos por meio da internet e do jornal *interplay*, com textos compartilhados sobre a prática do teatro playback.

No Brasil, Clarice Siewert, psicóloga, atriz, foi uma das pioneiras no estudo do teatro playback ao escrever uma dissertação de mestrado sobre o tema, produzindo material que exemplifica o teatro playback a partir da vivência com sua companhia "Dionísos". De acordo com Siewert (2009), as companhias de Teatro Playback chegaram ao Brasil em 1984. Existe, por exemplo, a *São Paulo playback theatre*, dirigida por Antônio Ferrara, o qual promoveu o Festival Internacional de Teatro Playback em agosto de 2007. Aliás, pode-se considerar que a relação do playback no Brasil começa com a atuação do Ferrara e suas expansões com as oficinas e atuações.

A título de exemplificação, apresento um levantamento dos grupos de teatro playback no Brasil, produzido pela atriz e fundadora da Companhia Cria Playback (SP), Sheila Donio, com o propósito de contribuir com um material contendo um mapeamento das companhias brasileiras que atuaram ou ainda atuam com o teatro playback. É importante salientar que atualmente nem todas as companhias citadas na tabela abaixo estão ativas.:

Grupos de Teatro Playback no Brasil					
Estados	Cidades	<u>Nome</u>	Fundador	Ano Fundação	
Nordeste					
Paraíba	Campina Grande	Bodopitá Playback <u>Theatre</u>	Chico Oliveira	2008	
Pernambuco	Recife	Cia Nó(s) olhar de Teatro Playback	Cynthya Dias	2018	
Centro-Oeste:					
Distrito Federal	Brasília	Ser a Dois	Valéria Brito	2005	
Sudeste					
Minas Gerais	Belo Horizonte	Creatio	Rodolfo Costa e Silva	2014	
Minas Gerais	Viçosa	Trupe EncontrARTE	Dolores Pena	2009	
São Paulo	São Paulo	Brasilis Playback Theatre	Mario Moura	2006	
São Paulo	São Paulo	Cria Playback	Sheila Donio	2017	
São Paulo	São Paulo	<u>Dínamo</u>	Maria Marta de Farias	(não localizado)	
São Paulo	São Paulo	Grupo NheMaria	Andrea Zeppini	2009	
São Paulo	São Paulo	Rastros de Nós	Maria Marta de Farias	2012	
São Paulo	São Paulo	São Paulo Playback Theatre	Antônio Ferrara	1998	
São Paulo	São Paulo	<u>Scripti</u>	Magda Miranda	2007/2008	
Sul					
Paraná	Curitiba	Abaruna Playback Theatre	Antônio Vitorino	2011	
Paraná	Curitiba	Grupo Re-trato	Antônio Vitorino	1999	
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	PoA Playback Theatre	Camila Canani	2019	
Santa Catarina	Joinville	<u>Abismo</u>	Cristóvão	2013	
Santa Catarina	Florianópolis	Caras de Palco	Carol Fava	2011	
Santa Catarina	Joinville	<u>Dionísos Teatro</u>	Silvestre Ferreira	2008	
Santa Catarina	Joinville	Grupo de Teatro Libração	Manoella Rego	2011	

## CAPÍTULO 2 - O ATOR E ATRIZ DO TEATRO PLAYBACK

Para instaurar uma discussão e compreensão do fenômeno improvisacional do teatro playback, é necessário apontar a função do ator/atriz de playback e os elementos que circundam e que formam a especificidade dessa atuação.

O ator ou atriz de teatro playback tem o objetivo geral de transformar vidas através da encenação. Com esse grande objetivo, ele/ela precisa de elementos que cheguem a essa meta. E esses elementos se corporificam nos caminhos que ele/ela trilha para o êxito satisfatório de uma representação cênica. Quando pensamos no teatro playback, consideramos a existência de um gênero característico de teatro improvisacional e dos recursos estéticos nele contidos.

O ator e atriz de playback precisa estar preparado para desempenhar qualquer história, independente de suas escolhas pessoais. O personagem que algum espectador venha a narrar tem um significado íntimo e pessoal, por isso o ator/atriz precisa estar livre de estereótipos, da autocensura, que prejudiquem a sua representação e principalmente a representação da significância do personagem para o narrador.

Porém, o ator/atriz de playback possui autonomia para dizer quando não se sente bem em representar um papel, por algum motivo doloroso para ele também. O bem-estar dos atores também deve ser resguardado, o olhar de respeito para quem desempenha (ator/atriz) e quem oferece (narrador/narradora) necessita ser considerado. Como diz Salas (2000, p. 65),

Não é tão fácil ser você mesmo, por inteiro, no palco, especialmente quando você tem de permanecer naquele estado de espontaneidade ponderada e de receptividade finamente calibrada. Talvez o papel mais difícil de todos seja aquele que os atores tradicionais não são normalmente chamados a fazer: serem eles mesmos. Os atores de playback começam e terminam o espetáculo como eles mesmos.

Para o ator/atriz lidar com essa linha tênue, em ser ele mesmo e representar um papel, entrar e sair de histórias com desprendimento necessário para se entregar a outra história intensamente, é preciso o desenvolvimento da flexibilidade expressiva e emocional da autoconsciência (SALAS, 2000, p .65). Através de recursos adquiridos pelos atores e atrizes ao longo de sua experiência com o playback, a maturidade, generosidade, autoconsciência emocional, a característica do olhar da vida comum, o olhar como diversão, a força do

ator/atriz cidadão (SALAS, 2000), tudo isso influencia as habilidades praticadas pelo ator/atriz, trazendo leveza e eficácia.

Para estarem preparados a performar qualquer papel, os atores e atrizes precisam de mais, eles precisam descobrir/explorar sua maior possibilidade expressiva, ou seja, é preciso se expressar ao máximo. Exercícios com jogos para o ator/atriz de playback são um dos elementos essenciais no seu preparo, e são utilizados para que ampliem suas possibilidades expressivas e façam-no chegar à espontaneidade desejada. SALAS (2000, p. 67) cita Keith Johnstone, quando declara: "É a coisa mais extraordinária em improvisação: de repente, você está em contato com pessoas que são ilimitadas, cuja imaginação parece funcionar sem fronteiras".

O sucesso de uma cena de playback é consequência da própria história do ator. É ele que deve obter habilidades fundamentais para a qualidade sensível da cena, como, por exemplo: sensibilidade, atenção ao ponto fulcral da história, empatia, generosidade, a busca de elementos facilitadores que se aproximem ao máximo da sua intimidade como pessoa e como ator.

Outro ponto importante é que o ator/atriz de playback deve também estar em prontidão em relação ao grupo, esperar o momento de dar e receber em troca. A improvisação de uma cena no playback precisa de um grande afinamento com os atores/atrizes do grupo, para entender quem está oferecendo o jogo da cena e quem se desafia a receber. Quando um ator/atriz sugere uma continuação de cena, o grupo precisa captar e entrar no encaixe da continuação da cena. Com isso, além da generosidade e respeito com o grupo, evita que a cena não deixe vácuo e fragilidade na improvisação.

O uso da voz, corpo e espaço como ações importantes para o ator tradicional também o são para o ator de playback. Em relação à voz, por exemplo, conforme Salas (2000), é mais uma necessidade de ousadia que propriamente de uso da técnica. Esse exercício da busca pela liberdade da voz, desprendendo-se dos medos internos, das percepções do ator tradicional, traz ao ator o olhar para si novamente, para as diversidades das potencialidades físicas.

Também é essencial para o ator/atriz de playback o preparo corporal, a fim de construir habilidades para atuar no improviso. Normalmente, o ator de playback, como outra qualquer prática teatral, precisa anteriormente de um treinamento físico que estimule habilidades e funcione também como desconstrutor dos vícios e amarras corporais. Tais habilidades como: força corporal, emoções, expressividade, estímulos ao trabalho grupal,

entre outros, preparam o ator para construir o personagem com mais possibilidades expressivas.

"A arena dos atores é o palco" (SALAS, 2000, p. 75). O teatro playback geralmente atua num espaço cênico não convencional, por isso que é interessante que o ator/atriz compreenda a delimitação do espaço que será indicado pelo condutor, que seja familiarizado com o conhecimento da força mágica do ambiente onde desenrolará o jogo, pois a consciência desse espaço resultará numa ação cênica satisfatória.

Para usar a música no teatro playback, é necessário o desenvolvimento de habilidades e algumas afinidades como: tocar mais de um instrumento, ter disponibilidade para trabalhar com improvisação, ter generosidade, empatia, ter segurança e ser criativo. Porém, o papel do músico na cena improvisacional do playback vai além dos conhecimentos técnicos e habilidades em instrumentos diversos: ele também está ali para contar histórias através dos instrumentos. O olhar precisa estar sempre em criação e disponível junto com os atores, pois eles trabalham juntos e dependem da ação e reação do outro.

O ator/atriz também joga com o músico, consequentemente, com a música no playback. A música afeta o fulcro da história narrada, ou seja, o contexto geral, e em seguida os atores e as atrizes cuidam de explorar o nível mais específico do sentimento que paira na experiência do narrador, identificando mais profundamente os sentimentos mais íntimos do narrador.

É interessante pontuar a possibilidade de todos os atores/atrizes do playback passarem pela experiência de assumir o lugar do músico, seja nos ensaios, nas investigações, pois essa experiência contribui para o ator/atriz construir a consciência musical na improvisação, a percepção deste lugar e demais contribuições.

Além da importância da percepção do músico numa cena de playback, o papel da música também possui sua importância no playback. "No teatro playback a música tem muitas funções: criar uma ambientação, estabelecer a pontuação de cenas, criar atmosferas, criar um clima de ritual e cerimônia, transmitir o desenvolvimento emocional da história". (SIEWERT, 2009, p. 119)

A música vivenciada na criação contribui para a exploração imagética, sensorial, rítmica, ativando o corpo sonoro do experienciador. Pode-se dizer que a música, culturalmente, é a linguagem de massa mais presente em sociedade. Diante desse entendimento, ela consegue atingir mais rápido o sensorial do ser humano, não deixando de

valorar as outras linguagens. De acordo com Salas (SALAS, 2009, p. 100), "como todo diretor de cinema e teatro sabe, a música pode evocar estados emocionais ou intensificar as ações dramáticas com grande eficácia". Essas habilidades desenvolvidas influenciam a criação e esse estado presente aguça a criatividade.

Podemos observar a música atuando em vários momentos numa apresentação de teatro playback. Em princípio, a música está no ritual e na cerimônia, fazendo a abertura do espetáculo, criando uma intimidade com o grupo e plateia, num ritual convidativo para a plateia se sentir à vontade.

Outro momento interessante é antes dos atores/atrizes começarem a cena, após o narrador ou narradora contar sua história e o condutor ou condutora dar o sinal para os atores/atrizes, na montagem da cena ou na preparação dos atores/atrizes em seus lugares para cena: o músico começa a tocar uma música trazendo o sentimento da história, trazendo a plateia pra mais perto e dentro da história que vai ser encenada a seguir. "A música ajuda a criar um tipo de transe na plateia. Os espectadores são levados para um espaço onde podem entrar plenamente no mundo que os atores estão prestes a fazer aparecer no palco." (SALAS, 2000, p. 102)

A música também atua durante as cenas. O musicista ou a musicista identifica quais instrumentos são ideais para uso, incluindo o instrumento vocal, que também é um elemento essencial no playback; com ou sem acompanhamento, ele olha para a encenação e identifica onde quer pôr o foco, entre outras identificações necessárias para a ênfase da cena. O músico pode querer expressar na cena apenas o sentimento do ator/atriz que está fazendo o narrador/narradora ou a expressão de algo que não está sendo representado, um sentimento subjacente do narrador/ narradora etc. A música também dentro de uma encenação pode ligar uma cena à outra referente à mesma história encenada. A música modela a cena, pode nos dar informações como tempo, lugar, sentimentos e o clímax.

A música no playback, por si só, pode expressar o significado da experiência do narrador/narradora. O papel do músico e da música no playback é importante, dependendo nitidamente do reconhecimento das sutilezas e disponibilidades num trabalho de grupo, pois o sucesso depende do respeito mútuo, sensibilidade e cocriatividade para que o senso da história do narrador/narradora seja encenado com muita qualidade e afetividade humana.

## 2.1 A prática improvisacional do Teatro Playback

Compreendendo que o sistema dos jogos teatrais propostos por Viola Spolin e a prática do teatro playback, ambos, utilizam a forma improvisacional do fazer teatral, é necessário pontuar as inúmeras formas que existem dentro desse segmento, que, especificamente, em suas práticas, se distinguem e se assemelham.

Em seu sistema, Spolin pontua algumas questões que facilitam o entendimento da experiência improvisacional. Descreverei alguns pontos comuns e os que diferem na prática de improviso no teatro playback. Inicio, considerando que ambas as práticas acreditam que o teatro é para todos e que todos têm a capacidade de improvisar.

Diante disso, para conseguir a espontaneidade que se dá no ato da improvisação, conforme Spolin, é necessário atingir a liberdade pessoal através do intuitivo. Atingindo o intuitivo e se desprendendo da influência apenas do intelecto, chega-se à expressão criativa. Assim também pensa Jonathan Fox, que declara que "a espontaneidade está profundamente associada com a ação e um tipo definitivo de não-pensar" (FOX, 2003, p. 79 apud SIEWERT, 2009, p. 106).

O teatro playback abarca o pensar e não pensar, pois o ator está dentro e fora do acontecimento cênico. Quando o ator/atriz não se permite à experiência do intuitivo, pode afetar o processo eficaz da espontaneidade, deixando apenas o intelecto assumir a ação e limitando o leque de possibilidades que a espontaneidade promove.

O ator e atriz do Teatro playback está permanentemente alternando entre representar algum papel ou ser ele/ela mesmo/mesma. Considerando que, mesmo quando o ator e atriz do playback não está na representação de um papel na cena do improviso, ele permanece no palco em prontidão e incluso no espaço cênico. É necessária uma disciplina, o exercício de presença nesse espaço e a compreensão de um protocolo a seguir, pois os atores do playback devem permanecer atentos e conscientes do fenômeno cênico, evitando o abandono total de si.

O ator e atriz do playback buscando esse equilíbrio não perde a liberdade pessoal diante do inesperado de uma apresentação improvisacional, precisando da espontaneidade para responder às situações as mais diversas que possam surgir em uma apresentação.

Na busca desse equilíbrio entre o seu eu e dar espaço para o outro, Rowe (2007, p. 108) fala que o ator de playback deve entrar em ressonância com o narrador, e não

realizar simplesmente um abandono de si. "Um exame mais apurado das respostas dos performers de playback sugere que eles não estão desejando tanto renunciar o seu self como estão para se abrir para estímulos somáticos e subconscientes 'mais profundos." (ROWE, 2007, p. 108 apud SIEWERT, 2009, p, 117).

No teatro playback, o ator/atriz precisa ora estar em forma neutra, depois com o personagem em cena. No momento em que o ator está fora de cena, por exemplo, em prontidão, é exigido muito mais que o desenvolvimento de sua espontaneidade: o olhar do ator atento, presente, didático, de fora, pode favorecer na clareza dos elementos necessários para sua entrada, contribuindo para o contorno da cena, explorando as possibilidades cênicas do ato improvisacional e desenvolvendo mais a conexão com o grupo.

De acordo com o sistema de Viola Spolin, trabalha-se a atuação através do jogo teatral, solucionando os problemas impostos pelo próprio jogo e construindo as cenas. No playback não tem investigação anterior da ação da história que vai ser narrada, todos os ajustes aos problemas da cena que apareceram será resolvido no jogo da apresentação, pois os atores dependem das histórias contadas pelo público.

O teatro playback também é jogo. É perceptível que o ritmo e forma do teatro playback constituem um jogo, os atores e as atrizes jogam entre si e com a plateia. Juntos, formam um time que estabelece através do jogo confiança, igualdade, diferença, escuta, entre outros atributos sociais. Além disso, o Teatro Playback também se constitui em forma estética que se vale de um treinamento do ator. Nesse jogo, o ator/atriz necessita construir habilidades para que seja capaz de jogar com o trabalho de improviso, e o jogo se estabelece na disposição do ator/atriz em se expressar, conforme Siewert (2009, p. 106) afirma: "Para poder se expressar, o ator/atriz precisa desenvolver sua espontaneidade."

Essa espontaneidade que o ator e atriz do teatro playback precisa atingir pode ser compreendida a partir da reflexão de Spolin sobre a liberdade pessoal do ator/atriz. Quando atingimos essa liberdade, ficamos abertos a explorar a realidade: todo nosso organismo está presente e esse é o momento das descobertas, aprendizados e possibilidades da expressão criativa. O jogo proporciona essa liberdade pessoal para a experiência e desenvolve habilidades no ato de jogar.

Além do jogo que existe no teatro improvisacional, percebe-se em comum tanto no playback quanto no sistema da Viola Spolin a importância da plateia na improvisação.

O mesmo olhar sobre a plateia é dirigido nas duas práticas. O olhar é de comunidade, da comunhão de compartilhamentos das experiências, todos envolvidos nessa libertação pessoal, desprendidos dos vícios sociais que travam a liberdade de criar juntos. Se veem como indivíduos e compreendendo a plateia como parte no processo teatral, membros, todos partilhando na busca dessa experiência individual e coletiva.

O playback necessita da plateia mais até do que outras formas de teatro. Para o teatro playback acontecer, é essencial que as pessoas da plateia contem suas histórias para que os atores ponham-nas em ação. Sem plateia, sem o outro para compartilhar sua história, o teatro playback não acontece.

O condutor ou condutora no Teatro Playback tem a função de conduzir o espetáculo e principalmente se relacionar diretamente com a plateia. É ele/ela que faz o convite para a plateia vir contar suas histórias, ele que dialoga com o narrador e se atenta mais às minúcias da história que será repassada de uma forma que facilite o entendimento dos atores e atrizes para a encenação. Ele/ela prepara o público desde sua chegada, olhando para os rostos, estabelecendo uma relação amigável, trocando algumas palavras, criando um ambiente seguro e familiar. Ele/ela é fundamental para que todos envolvidos estejam conectados e à vontade para compartilhar suas histórias reais posteriormente.

Talvez a tarefa mais complexa numa apresentação de teatro playback seja a do condutor. É ele que faz a ligação entre o público e os performers, que guia o ritmo de uma apresentação, que entrevista o narrador, dá parâmetros para a cena, que faz com que todos no ambiente estejam em sintonia, com um objetivo em comum: contar e encenar histórias. (SIEWERT, 2009 p. 122)

Quando pensamos no teatro de improvisação e sua especificidade da forma, como vemos no Teatro Playback, deve-se compreender que há necessidade de uma técnica, uma forma segura de se relacionar com o desconhecido ao improvisar. De acordo com Spolin (2010), as técnicas teatrais não são artifícios mecanizados e não podem ser pensadas como "estáticos", pois a consciência do ator em saber que há muitas maneiras de fazer e dizer uma coisa é o que faz brotar as técnicas, e é a partir dessa consciência que a experimentação e as técnicas sobre as espontaneidades são unificadas e expandidas para a sintonia com a plateia (SIEWERT, 2009). Para Viola Spolin,

As técnicas teatrais estão longe de ser sagradas. Os estilos em teatro mudam radicalmente com o passar dos anos, pois as técnicas do teatro são técnicas da comunicação. A existência da comunicação é muito mais importante do que o método usado. Os métodos se alteram para atender às necessidades de tempo e espaço. (SPOLIN, 2010, p. 12)

Em seu livro "Improvisação para o teatro", Spolin descreve alguns pontos sobre o funcionamento de exercícios para o treinamento do ator/atriz. Alguns pontos podem ser vistos no teatro playback, como, por exemplo, ponto de concentração, papel da plateia e avaliação.

No sistema da Spolin, no exercício do treinamento para o ator/atriz, depois da apresentação do problema, é utilizada a técnica do ponto de concentração (POC), a qual é importante para o processo do exercício e é um dos pontos mais destacados pela autora. É através do POC que é liberada a força grupal e individual do aluno-ator, conduzindo para uma grande potência criativa, além de desenvolver as técnicas complexas, relevantes para o espetáculo; propiciar ao jogador o foco num ponto único, estabelecendo controle, disciplina, desenvolvendo a capacidade de envolvimento com o problema e com o grupo, liberando para a ação espontânea, pela experiência orgânica e não apenas cerebral.

No teatro playback, podemos perceber a necessidade do ator/atriz para estabelecer o ponto de concentração, no momento em que precisa ouvir atentamente a história real do narrador e as minúcias do condutor, para desenvolver posteriormente a cena. O foco num ponto único, que é a história, conecta mais o ator/atriz ao narrador ou narradora e promove o ato criativo de pôr a história sem nenhuma alteração do que foi narrado.

O foco que o ator e atriz precisa é para não pessoalizar a história, colocando interpretações que não ocorreram no real. O desafio do ator e atriz de teatro playback é pôr em cena a história real do narrador ou narradora, como se o narrador pudesse assistir a sua própria história novamente.

Para Spolin, no exercício de treinamento do ator/atriz, a plateia também possui um papel na cena. A função da plateia é auxiliar, analisar criticamente, identificando se o ponto de concentração foi percebido pelo grupo, se o problema foi solucionado, abandonando a interpretação pessoal, o que será partilhado no momento final da avaliação. No playback, além da importância que já foi mencionada acima, o papel da plateia e do narrador/narradora é analisar se os pontos da história real foram verdadeiramente representados e se não ocorreu nenhuma interpretação pessoal. Se o narrador se sentir incomodado ou insatisfeito com algo que não foi narrado por ele, novamente os atores e as atrizes repetem a cena, respeitando a história narrada.

Outro elemento essencial que é visto também no teatro playback é a avaliação. Nos exercícios de treinamento da Spolin, a avaliação é realizada após cada time concluir cada trabalho com um problema de atuação, analisar se o problema foi resolvido, o ponto de

concentração, entre outros. Esses elementos são avaliados pelo professor-diretor e pelo alunoator, estimulando sempre a ênfase pessoal. No playback, a avaliação ocorre depois que a cena acaba, quando os atores e atrizes devolvem com o olhar a cena para o autor, o narrador. A principal avaliação vem do próprio narrador ou narradora, é ele ou ela que vai dizer se está satisfeito com sua história encenada, e, se não, os atores e atrizes repetem procurando expressar na cena exatamente o que foi narrado.

Visto isso, é perceptível que as formas teatrais improvisacionais possuem elementos que se aproximam e se distanciam em suas práticas, porém seus respectivos usos podem explicar a prática um do outro. O sistema da Viola Spolin, com base em seu livro "A improvisação para o teatro", pode expandir os elementos aplicados na improvisação do Teatro Playback, facilitando a compreensão dessa prática improvisacional.

# CAPÍTULO 3 - QUEM VIVENCIA O PLAYBACK SABE...

## 3.1 Do primeiro encontro

Depois de alguns semestres afastada da Universidade, retomo à graduação e levo comigo a vontade de teatro, o anseio pelo encontro. Eu precisava do respiro, precisava ser olhada, sentida, precisava me sentir viva e capaz de ser, de existir. Após um tratamento de um ano e seis meses de síndrome do pânico, tive pouco descanso. Em seguida à minha recuperação e término do tratamento, minha mãe querida adoeceu: descobrimos uma doença crônica que a debilitaria até o último dia de sua vida.

Após vários meses com minha mainha internada, em casa, meu corpo, minha mente, minha alma, minha mainha me pediam pra recomeçar. Eu precisava recomeçar, o recomeço para mim era urgente, na medida do possível, do meu possível. Com isso, decidi voltar à minha graduação e tentar, tentar, tentar.

Logo depois de alguns dias já indo para aula, acontece na universidade um evento muito importante, o "USINA TEATRAL 2017", patrocinado pelo SESC Santa Rita em parceria com o Departamento de Artes da UFPE. Nele, houve palestras, oficinas, espetáculos, circulação de pessoas importantes da área teatral de várias partes do Brasil, evento muito necessário para a cena teatral pernambucana e nacional.

Nesse evento, a Companhia Dionisos Teatro, que eu até então não conhecia, ministrou uma oficina de teatro playback, na qual tive a oportunidade de vivenciar esse tipo de teatro como aprendiz. Não conhecia nada sobre teatro playback. Pelo nome "playback", imaginei que seria algo relacionado à música e a teatro. Fiquei curiosa e me inscrevi, a única oficina do evento de que participei.

Cheguei cedo e, ao entrar e assinar meu nome na lista de presença, na entrada da sala, percebi que eles não eram de Recife; não tinha visto que a companhia que ministraria era de Joinville – SC. Aparentemente, os membros do grupo eram simpáticos, sorriam, nos cumprimentavam, nos desejando as boas-vindas. Cada minuto antes de começar a oficina só me deixava mais curiosa.

Havia muitos rostos conhecidos também, colegas da minha graduação, já que o evento priorizava também o público universitário; mas havia também pessoas idosas do curso de teatro do SESC, dentre outras: todas muito curiosas e empolgadas.

Ao iniciar a oficina, formou-se um círculo enorme, com grande diversidade de pessoas se olhando, de cores, idades, raças, experiências. Compartilhávamos da mesma ansiedade do novo, estando ali para vivenciar algo juntos, como se fosse um corpo só e cada um fosse as partes de composição desse corpo.

Em seguida, fizemos exercício de relaxamento e aquecimento. Realizamos alguns jogos para estimular a presença, consciência do espaço, afinidade com as pessoas, para nos preparar a conhecer o playback e nos sentir mais à vontade e confiantes com as pessoas que estavam ali.

Na primeira parte do encontro, foram passadas informações sobre a origem do playback, seu idealizador e fundador etc; na segunda parte, vivenciamos as cenas curtas: vimos os membros da companhia fazerem as cenas e depois as experimentamos na prática. Antes de cada cena apresentada, também eram repassadas informações teóricas sobre as formas das cenas, do conceito de unidade e muito mais.

Depois disso, o momento que mais me marcou foi o da história grande ou encenação das histórias maiores. Me embalei nas histórias, pude vivenciar cada experiência narrada pelas pessoas de um modo tão forte e sensível que me fez querer ler, vivenciar o playback e o grande universo particular desse fazer teatral.

Todos tiveram a oportunidade de vivenciar todos os lugares e elementos da composição do playback: o lugar do músico, do contador de histórias ou narrador, do ator ou apenas de espectador das cenas. A experiência que muito me tocou foi quando sentei na cadeira do narrador ou narradora para contar a minha história, a minha experiência, a minha vida, um fragmento atual da minha vida.

Lembro que perguntei aos membros da Cia. Dionisos se poderia contar minha história, se poderia contar algo atual, pois a minha história não era de muito tempo, era do agora, eu estava vivendo-a, ela contava até aquele momento, até o momento presente ali com eles; e eles me tranquilizaram, dizendo que a minha história deveria ser compartilhada sim e todos gostariam de saber dela, porque ela era/é importante.

Sabendo disso, sentei e fui contar minha história. Relatei o meu momento de afastamento da Universidade devido à síndrome do pânico, o quanto foi doloroso me afastar da minha graduação, do teatro, da arte que me move. Em seguida, falei do processo da minha recuperação, meus dias de angústias, de sentimento de inutilidade, minhas crises de pânico no

quarto, da força da minha mãe ao meu lado, firme, lutando comigo em prol da minha recuperação.

Após esse momento, relato a minha tão esperada recuperação e todo o processo da minha mãe doente logo em seguida, sua internação até a alta. Depois conto a ânsia do grito íntimo de minha retomada e como foi retornar à Universidade, ver meus colegas, sentir o teatro mais uma vez me movendo até aquele momento ali, olhando as pessoas, para minha força, e revendo em meu interior, uma dose de esperança nascendo.

Logo, o condutor pede para escolher uma atriz para me representar e escolhi uma amiga querida do curso para a encenação. Apreciar minha história de fora me trouxe mais uma vez um olhar para mim mesma, um olhar sobre a importância da minha experiência e de cada detalhe que passei para estar ali. Vi a potencialidade da minha existência, significância da minha história que me trazia de volta à utilidade da vida.

Quanto ao seu caráter profissional, o teatro playback me chamou atenção mais uma vez em possuir algo que sempre esteve na minha percepção artística: teatro e música, as duas linguagens trabalhadas juntas. O teatro e a música sempre estiveram presentes em minhas vivências artísticas. Experienciar as duas juntas naquele momento tão significativo da minha vida foi muito estimulante para mim.

# 3.2 Dos primeiros passos...

Após essa primeira experiência de encontro com o playback, pude vivenciar outros encontros com essa forma de fazer teatral. Algumas colegas da graduação que vivenciaram comigo o primeiro contato com o playback e a primeira oficina, decidiram formar um grupo de teatro playback. Com a criação da Companhia Nó(s) olhar de teatro playback, em 2019, a primeira companhia de teatro playback em Pernambuco, possibilitou a minha aproximação dos espetáculos da Cia., seus ensaios, suas oficinas, e a me dedicar a uma análise mais aprofundada do playback com esse grupo.

É interessante destacar que a Cia. segue o formato de pesquisa, descobertas, acertos, erros. Todos da Cia. também vivenciam comigo o processo de aprendizagem. Todos os membros da Cia. estão estreando com o playback. A maioria é composta de estudantes e está junto descobrindo essa forma de se fazer teatro.

Da companhia, acompanhei seus ensaios no mês de outubro de 2019; a oficina de teatro playback ofertada no evento da Semana de Cênicas 2019 da UFPE; outra oficina oferecida na Escola Municipal João Pernambuco; e o Espetáculo no evento Porta Aberta, produzido pela Escola Municipal João Pernambuco. Com isso, pude analisar precisamente meus anseios com relação à influência da música e sua relação com os atores.

Nessa prática de descoberta, juntamente a esse grupo, continuo me encantando com as histórias narradas e a potencialidade dos atores e atrizes não utilizarem formas rígidas e mecanizadas na construção dos personagens e, como caraterística do playback, o quanto os elementos contidos nesse teatro, como a música, são considerados e importante processo de construção do ator.

Nos ensaios da Cia., pude ver como os atores e atrizes de playback se preparam para um espetáculo, não havendo muita diferença de como pude experienciar na oficina com a Cia. Dionisos. A Cia Nó(s) olhar traz elementos de jogos teatrais e musicalidades para o preparo físico dos atores e atrizes. A atividade que me chamou atenção foi o jogo de emoção estimulada através da escuta de uma música, que variava de ritmo, gêneros musicais; com isso, movimentos corporais eram impulsionados através desse estímulo musical.

Nas oficinas da Cia Nó(s) olhar de teatro playback, pude também atuar e experimentar o lugar do musicista, colocando em prática o lugar do músico para a criação dos atores/atrizes e observando como os estímulos os afetavam. Ficou mais clara para mim, nessa prática, a conexão que todos devem ter com todos os elementos da cena. A interpretação que pude ter é que o corpo consiste num organismo que pulsa num único ritmo.

Com a Cia. Nó(s) olhar de teatro playback pude vivenciar um espetáculo de playback como desejava. Pude entrar em contato com a mágica de quem vivencia um espetáculo de playback, o calor, a curiosidade das histórias, o olhar das pessoas prontas para te ouvir, que nos atravessam, quando nos permitimos compartilhar a nossa experiência para todos.

No espetáculo, optei por "apenas" assistir, ouvir, ser afetada pelas histórias, pelas pessoas que se disponibilizavam a contar suas histórias em toda sua diversidade e por cada surpresa que aparecia nas diversas experiências. Queria perceber atentamente o trabalho generoso dos atores e atrizes e, como artista, pôr meu olhar, tentando descobrir cada subjetividade dos atores/atrizes em relação ao seu trabalho sensível e potente da construção de personagens reais.

Para mim, foi muito mais que uma experiência com uma variante de teatro de improviso. O teatro playback tem sua beleza única, uma estética que nos faz mover, que me moveu, que está me movendo até mais que outras experiências que já vivi com teatro de improviso. Hoje, ouço muitos fazedores e apreciadores de playback falar: "Quem vivencia o playback sabe..." Pois é, quem vivencia o playback sabe o quanto que ele nos impulsiona para apreciar a beleza da vida, encontrando significância e esperança até onde não temos consciência que elas existem em nossa experiência de vida.

# 3.3 Ouvindo relatos de experiência de atores e atrizes brasileiros do Teatro Playback

Aprofundando minhas pesquisas sobre a origem do playback e suas formas, através de leituras, vídeos e conversas com atuantes do playback no Brasil, foram surgindo questionamentos mais minuciosos sobre como se dá o processo de criação do ator/atriz, como os elementos existentes no teatro playback influenciam e afetam na criação do ator e atriz desse referido teatro.

Dentre esses elementos, é a música que busco aqui discutir e analisar, visando compreender como ela afeta as experiências subjetivas dos atores e atrizes do playback. E como forma de entrar em contato com as diversas experiências e metodologias de criação dos atores e atrizes, realizei uma pesquisa das companhias de teatro playback no Brasil, participei de uma rede de grupos que faziam circular as pesquisas de teatro playback, composta por atores e pesquisadores de teatro playback, o que me permitiu maior contato com atores e atrizes de várias regiões do Brasil.

Com o objetivo de explorar as experiências subjetivas e a apreciação das metodologias de cada ator e atriz em relação à influência da música na sua construção artística para o teatro playback, elaborei um questionário com seis perguntas e escolhi dez atores e atrizes para os quais destinei o questionário, à título de entrevista.

Selecionei quatro atores e atrizes do Nordeste, três do Sudeste e três do Sul. Convidei para entrevista os seguintes atores/atrizes: Aline Lima e Cynthya Dias (Cia Nó (s) Olhar, PE), Chico Oliveira e Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro - PB), Rodolfo Costa (Creatio Teatro Playback-MG), Sheila Donio (Cria Playback- SP), Andréa Silva (Cia's

Nhemaria e Brasilis – SP), Andreia Rocha e Clarice Siewert (Dionisos Teatro – SC), e Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre - RS).

A entrevista foi feita com as seguintes perguntas:

- 1 Como o teatro playback chegou na sua vida?
- 2 Compreendendo que o gênero do teatro playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?
- 3 Como você entende o papel da música e do músico no teatro playback?
- 4 Considerando que há uma compreensão, da parte de alguns grupos, de que o teatro playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento – a música – para esse tipo de teatro? Já houve alguma experiência do playback sem a música?
- 5- Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?
- 6- O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal no teatro playback?

As perguntas foram estruturadas conforme a problematização desta pesquisa e podem ser divididas em três blocos: no primeiro, procuro descobrir como o playback chegou à vida do ator/atriz (pergunta 1); no segundo, procuro saber sobre a relação do ator e atriz com o teatro de improviso (pergunta 2); no terceiro, busco as respostas sobre a relação do papel do músico e da música e os entendimentos referentes à influência da música no processo improvisacional de criação do ator do playback (perguntas 3, 4, 5 e 6).

Apreciaremos como se deram as respostas das entrevistas, observando os pontos das subjetividades que convergem e se opõem conforme cada sujeito.

Nas respostas à primeira pergunta: "Como o teatro playback chegou na sua vida?", verificamos a diversidade das experiências dos atores e atrizes ao descobrirem o teatro playback. Destaco, como exemplos, algumas respostas a seguir:

Clarice Siewert (Dionisos Teatro – SC): Conheci o Teatro Playback em 2001, quando assisti uma apresentação do meu então professor de psicodrama, Antônio Vitorino Cardoso, de Curitiba. Depois nunca mais tive contato, e em 2007, quando entrei no Mestrado em Teatro da UDESC, envolvida que estava com a questão de Teatro e Comunidade, lembrei do Teatro Playback e decidi tomá-lo como meu objeto de pesquisa. Em 2008 começamos a ensaiar e apresentar Teatro Playback no meu grupo, a Dionisos Teatro. Esse formato tinha tudo a ver com o tipo de teatro que o grupo acreditava e, de certa forma, vinha pesquisando através de nossos processos de criação a partir de histórias reais.

A atriz Clarice Siewert conhece o playback através de seus estudos sobre o psicodrama. Observamos que dos dez atores e atrizes entrevistados, quatro deles conheceram essa forma de fazer teatral a partir da aproximação com o psicodrama, seja na busca pessoal de ampliar suas respectivas formações, seja por algum interesse particular de aproximação ao teatro, já que essa prática participa do universo teatral.

Podemos considerar que essa convergência das respostas que apontam o psicodrama como uma porta para o encontro dos atores e atrizes com o playback indica, como já destacado anteriormente, as influências estéticas do psicodrama no teatro playback, o que foi inicialmente responsável pela disseminação dessa nova forma de fazer teatro.

Como já mencionado, conheci o teatro playback através de uma oficina ministrada pela Dionisos Teatro – SC, e muitos dos entrevistados também conheceram esse teatro através de oficinas, *workshops* e espetáculos, como se depreende deste relato:

Cynthya Dias (Cia N(ó)s olhar – PE): Em 2017, através de uma oficina de inicialização oferecida pelo evento Usina Teatral, cujo tema era "Teatro e Memória: as interfaces das narrativas do Teatro do Real na cena contemporânea". Na época eu era estudante de 4º período do curso de Teatro/licenciatura e foi uma das experiências mais marcantes em toda minha graduação.

Em todos os relatos, percebi que o primeiro contato com o teatro playback estimulou e despertou a vontade dos atores e das atrizes quererem descobrir e vivê-lo mais. Experiências como assistir a um espetáculo, fazer uma oficina, ouvir relatos de quem já havia vivenciado o Playback determinaram como os atores prosseguiram com uma maior investigação, como destacado na fala da atriz Sheila Donio:

Sheila Donio (Cria Playback - SP) Houve a divulgação de uma peça de teatro e meu pai já tinha visto essa peça, veio me falar que achava que eu devia assistir, que era um teatro diferente do teatro convencional que a gente conhecia, ele achava que eu ia gostar. Era uma peça que estava arrecadando alimentos para famílias carentes que essa instituição ajudava, que eu fui assistir e eu fiquei muito entusiasmada com

aquilo que eu vi, eu fiquei muito mexida. Assisti uma hora e meia de Espetáculo, entendendo que aquilo era o que eu queria fazer.

Opondo-se a esses encontros comuns com o teatro playback (contato com o psicodrama, oficinas e espetáculo), destaco a forma peculiar como a atriz Andréa Silva conheceu esse gênero teatral:

Andréa Silva (Cias Nhemaria e Brasilis- SP): Nossa, foi uma maneira bem, bem ao acaso mesmo, vou te contar como foi. Eu tava procurando trabalho, (...) e aí uma amiga que não tinha nada a ver com teatro, viu um anúncio de uma companhia que estava precisando de atriz, e aí quando eu fui era a companhia do Ferrara São Paulo playback theatre que foi onde eu conheci o playback. Daí eu comecei fazer playback, isso faz 18 anos, eu sou bem velhinha no playback. Assim foi como eu conheci, uma companhia aqui no Sudeste, é uma companhia que trabalha com empresas, principalmente foi criada para isso, para levar o playback para o meio corporativo.

Sobre a segunda pergunta – Compreendendo que o gênero do teatro playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?, dos dez atores e atrizes entrevistados, duas atrizes enfatizam o conhecimento e entendimento do caráter improvisacional em relação à vida cotidiana.

Cynthya Dias (Cia N(ó)s olhar – PE): Estamos o tempo todo improvisando na vida e na arte, porque sempre precisamos partir de algum lugar, dar um primeiro passo e esse primeiro passo, seja na vida ou na cena, é improviso para mim.

Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro – PB): Eu tenho uma facilidade muito grande dessa coisa de improvisar, sabe, eu acredito muito que isso vem da lá da minha infância... eu não sei se é assim... é uma coisa que eu acreditar eu fui feirante por muitos anos quando criança né, dos 10 aos 16 anos eu trabalhava na feira... a minha mãe... o meu pai faleceu eu tinha 8 anos, e a minha mãe não tinha trabalho não tinha emprego e aí a gente teve que se virar né. O improviso já começou da minha vida aí na verdade e aí a gente teve que se virar.

Para a atriz Cynthya Dias, a vida é uma constante improvisação; já a atriz Joana entende que a facilidade de improvisar vem a partir da relação com o improviso na vida, quando teve que lidar com um conflito e precisou entrar em ação imediata.

Constatamos, em ambos os casos, que as atrizes tratam do improviso como uma reação a uma situação, em que é necessário, frente aos desafios da vida, criar possibilidades de resolução, ou seja, saber lidar com o desconhecido e ressignificar o contexto palpável da realidade. Por isso, considera-se que, em ambas as experiências de vida, a necessidade de

sobrevivência agiu como agente facilitador na construção das habilidades de improvisação, e mais tarde na sua aplicação artística.

Pudemos ver nas respostas de outros três atores e atrizes que o primeiro contato com teatro de improviso se deu através do psicodrama. Destaco, aqui, a resposta de uma atriz:

Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre – RS) Quando estava na faculdade de psicologia, fiz um estágio com psicodrama e teatro espontâneo em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, coordenado por psicodramatistas em formação. Esses psicodramatistas formaram um grupo que realizava encontros de jogos de improviso semanalmente.

Além disso, alguns atores e atrizes, como as atrizes Andréa Silva e a Sheila Donio, expuseram a dificuldade com o teatro de improviso por vários motivos relatados, seja por nunca terem feito antes esse tipo de jogo, que se opõe ao teatro tradicional, seja pela pouca experiência com essa forma, fato que gerava certa insegurança.

Andréa Silva expôs que o Playback foi o primeiro trabalho com improviso e afirma o quanto é desafiador, mas depois essa forma foi criando organicidade e enriquecendo o leque de possibilidades de atuação, como vemos na sua fala:

Andréa Silva (Cia's Nhemaria e Brasilis – SP): Sobre improviso, foi complicado no começo porque realmente o playback foi minha primeira experiência com teatro de improviso né, com o improviso como um produto final e não como meio de criação para cena. Então foi difícil no começo, foi difícil entrar em cena. Aí depois ficou muito bom, depois que a gente começa a entrar na brincadeira, fica muito gostoso tanto, que eu faço isso há 18 anos, e aí a gente vai aprendendo a fazer, vai tentando criar jeitos novos de fazer alguma coisa, porque a gente cai no perigo também de usar as mesmas bengalas e tal, a gente quer fazer da mesma forma. (...) É uma maneira muito intensa de você trabalhar em grupo. eu acho muito lindo, quanto é intenso a gente tá com o grupo, a gente realmente tá numa relação que todo mundo contribui ali. O improviso no começo foi difícil e agora é muito bom, é meio viciante na verdade.

A Sheila Donio, por exemplo, destaca o porquê de se sentir tão à vontade com o improviso no teatro playback e como suas habilidades foram sendo desenvolvidas através dessa prática, como vemos a seguir:

Sheila Donio (Cria Playback- SP): Eu nunca gostei de improviso, nossa, como eu tenho dificuldade de improviso, gente. Na escola de teatro eu fiz escola profissionalizante de teatro, depois de já ter o DRT, para estudar... mesmo já sendo formado fui estudar... nossa, a parte que eu menos gostava era da aula de interpretação, como era difícil... eu até hoje não gosto de improviso livre, assim, sem muita estrutura... eu me sinto muito desconfortável, eu me sinto cobrada pela plateia, cobrada pelos colegas, cobrada por mim mesma ... e eu sempre falei isso para os meus alunos que eu não gosto de improviso. Agora, o que me atraiu no playback, que me faz sentir segura e tranquila com playback, é que tem um ritual fortíssimo, e esse ritual traz um contêiner, traz um uma estrutura onde a gente pode improvisar com segurança. Então eu entro numa cena no teatro playback, não sabendo tudo que

eu vou fazer, o que vai acontecer, mas sabendo toda a técnica, a estrutura que tá nos sustentando...

Para a terceira pergunta – Como você entende o papel da música e do músico no teatro playback? – houve muitas respostas parecidas, como observamos nestas duas falas:

Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre - RS): Considero a música e o musicista como mais um dos atores, e essenciais na construção, manutenção e transição de clima emocional da cena e mesmo da plateia.

Cynthya Dias (Cia N(ó)s olhar – PE): Essencial. Tanto os atores, o condutor, o músico, o narrador, para mim, é igualmente importante. Fazem a cena do playback ser mostrada com completude.

Parte dos atores e atrizes também exemplificaram algumas funções que a música exerce no teatro playback para o ator/atriz e para cena. Apreciemos algumas falas:

Clarice Siewert (Dionisos Teatro- SC): A música tem vários papéis diferentes. O primeiro é o de dar contorno para a apresentação como um todo, ajudando a criar a atmosfera e o ritual do Teatro Playback. É uma função muito alinhada com a condução. É também a música que dá todas as cores, atmosferas, sonoplastia e trilha sonora para as cenas. Seja pelas trilhas melódicas, pelas pontuações rítmicas, pelos sons que indicam ações e acontecimentos...

Sheila Donio (Cria Playback - SP): A gente costuma dizer que a música tem três funções no playback: uma delas é criar o clima da história, a outra é trazer estrutura para história e a outra acompanhar o arco emocional de uma história. A música pode trabalhar fortalecendo, dando ênfase, dando as emoções que os as personagens em cena estão demonstrando... ou a música pode ser uma outra personagem dialogando com quem tá em cena... a música pode ser o texto, a música pode ser o subtexto. Aline Lima (Cia N(ó)s olhar – PE): A música complementa a cena no teatro playback, ajudando tanto os atores quanto os espectadores a embarcarem mais na história que está sendo encenada.

Como vimos, Clarice Siewert e Sheila Donio reforçam a estrutura idealizada conceitualizada pelos criadores quando se referem à função da música no teatro playback. Já a atriz Aline Lima ilustra que a música é complementar à cena, ou seja, a música na cena consiste num elemento estrutural, pois direciona imediatamente o sentido da história para o ator e para o espectador.

Além disso, destaco as respostas das atrizes Andréa Rocha, Andréa Silva e Joana Marques, que consideram a música como um recurso facilitador para sua percepção e criação no teatro playback. Conferimos nas suas respostas:

Andreia Rocha (Dionisos Teatro—SC): A música dá a atmosfera da cena, ela ajuda a gente a costurar essa dramaturgia, é muito importante porque, uma melodia, um instrumento, uma sonorização pode dar um norte muito grande pra gente conseguir fazer essa costura e esse arco da história, ajuda a construir essa dramaturgia... muitas vezes me peguei ouvindo a história e indo pra cena e uma música me veio na minha

cabeça na hora, então consegui criar em tempo real uma música que desse conta da história do narrador ou um sentimento... e isso começou a vir a partir do momento que a gente começou a brincar um pouco mais com o tetro Playback, a gente foi se consolidando em cena e eu consegui fazer esse jogo de criação de música em tempo real.

Andréa Silva (Cia's Nhemaria e Brasilis - SP): sobre o papel da música e da músico, eu acho muito importante assim, ainda que não seja qualquer tipo de música que a gente esteja falando, eu acho que às vezes nem precisa ter canção, mais a própria cena vai criando um ritmo, é muito importante e muito importante a gente estar atenta, ter esse treino para ter essa consciência... é um dos elementos de criação dentro do playback de improviso...

Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro - PB): Eu entendo o papel da música como fundamental na construção de cada história, entende? Eu falo pela minha experiência com a música: eu já cantei num Coral também, lá no início da minha carreira... tenho uma carreira de 30 anos, então lá atrás eu cantei num Coral... quando eu comecei cantava também num grupo folclórico. A minha opinião vem baseada nessa coisa da minha família, que eu tenho uma família muito musical, e isso passa de pai para filho... vejo como fundamental. Eu acredito que não há playback... até acontece né? playback sem música... mas eu não vejo, sabe, o playback sem música. Eu acho que fica seco, fica uma coisa estranha. Se bem que a música tá em tudo... até no silêncio a gente tem música... mas não é disso que eu falo... é assim mesmo... som, sabe, daquele som vibrar em mim e a partir dali começar me dando material para eu poder fazer a cena. Em relação ao músico, eu já participei, já teve momentos de a gente ter ensaio e o músico não tá lá, ter faltado e eu ter vivenciado essa outra parte. Como eu tenho também essa ligação com os instrumentos, já oriundo da minha família, aquela coisa toda, então para mim é super fácil pegar um instrumento ali, pegar um apito ou um triângulo ou um pandeiro, soltar uma nota, mesmo não sabendo tocar, mas soltar, ter a ideia de que ao soltar aquela nota isso também tá contribuindo para a cena, que o meu amigo também tá fazendo lá, entendeu? Então para mim eu não vejo playback sem música...

A partir das experiências singulares das atrizes, no que se refere às suas relações pessoais e em suas respectivas companhias de playback, identificamos nos relatos acima as influências e as habilidades construídas a partir de uma experiência que poderá ampliar o entendimento da função da música dentro do teatro playback. Por exemplo: a percepção de ritmos, a sensibilidade sonora; tudo isso poderá servir como um elemento catalizador da percepção para a criação dessas atrizes.

Quanto à quarta pergunta — Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento (música) para o teatro playback? Já houve alguma experiência do playback sem a música? — muitos dos entrevistados e entrevistadas citaram Jonathan Fox, o criador do Teatro Playback, como referência para ressaltar a importância da música para esse gênero teatral. Porém, o que busco analisar com essa pergunta é o que tem de relevância, pessoal ou não, no uso desse elemento numa cena de teatro playback.

A atriz Cynthya Dias, por exemplo, destaca a experiência de ter trabalhado com e sem a música, evidenciando a necessidade desse elemento, a partir de sua experiência com sua companhia, como conferimos na sua resposta:

Cynthya Dias (Cia N(ó)s olhar – PE): Compreendo que há grupos de playbackers que tratam como opcional a música e o músico, mas para mim e para a Cia tivemos a oportunidade de experimentar os dois formatos, com e sem a presença do músico e da música.... Ao ter a presença do músico e da música pudemos perceber a devida importância para a cena do playback. O músico atua como ator em cena e diretor da cena, porque é ele que diz quando começa e quando termina a cena. Assim como o condutor é o diretor da dramaturgia e é o dramaturgista da cena.

Em oposição a esse pensamento, a atriz Aline Lima, integrante da mesma companhia, compreende a música como parte da estrutura do playback, mas não como uma prioridade da cena do playback. Observemos a sua fala:

Aline Lima (Cia N(ó)s olhar – PE): Acredito que as cenas podem ser feitas sem a música e obter um bom resultado. No grupo a qual faço parte, já tivemos muitos ensaios sem a presença de um músico e as coisas ocorreram bem. Entendo que o músico faz parte da estrutura original do Teatro playback e que seu trabalho engradece as cenas, entretanto, acredito ser possível ensaios e apresentações sem a presença da música. Mas mesmo sendo possível de ocorrer sem a música, as cenas ficam mais completas quando há.

Além da atriz Aline Lima, outros atores/atrizes entrevistados também comentam em suas respostas que a música pertence à estrutura original do teatro playback, relacionando o elemento - música - como sendo essencial a essa estética. Como destacado também nos relatos dos atores Camila Canani e Rodolfo Costa a seguir:

Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre - SC): Para mim, a música é um diferencial necessário no Playback. Por vezes, em workshops e ensaios online de que participei, não houve música e não acho que seja ruim ou errado para aqueles que já tem experiência com Playback e sabem que é uma ocasião excepcional por praticidade ou questões técnicas. Porém, quando se vai ensinar a alguém novo, a música deve ser incluída, pois faz parte dos elementos básicos do Playback...

Rodolfo Costa (Creatio Playback- MG): minha opinião é que é fundamental, para mim é extremamente importante, é algo assim, que está na estrutura do teatro playback, até onde eu sei. Então assim é o teatro playback, música no teatro playback é o teatro playback...

A atriz Andreia Rocha, por sua vez, se manteve na sua cia. fazendo uso da música e nunca viveu a experiência de trabalhar sem a música. Ela compreende a necessidade da música como fonte de sua inspiração para criação na cena, como averiguamos em sua fala:

Andreia Rocha (Dionisos Teatro – SC): Eu nunca joguei no teatro playback, nunca atuei sem que tivesse uma música de auxílio, não lembro de ter atuado sem o sem música, sem sonorização ou algo parecido..." "...eu não me vejo na cena sem o apoio da música, para mim é uma fonte de inspiração, é algo que te dar um norte, me dá aquela pontinha do fio do novelo para poder começar a dramaturgia, pra começar a escrever, desenhar essa história de forma artística e plástica em tempo real.

Além desses aspectos destacados das respostas dos entrevistados e entrevistadas, ressalto a necessidade de atentarmos para as percepções que esses atores/atrizes têm sobre a utilidade da música nas companhias de teatro playback, em situações bastante específicas. Vejamos o que dizem as atrizes Clarice Siewert e Sheila Donio:

Clarice Siewert (Dionisos Teatro - SC): Acho que para o público ouvinte, a música é de grande valia para ajudar a construir a cena, já que tem uma conexão muito direta com o emocional da plateia. No entanto, já assisti apresentações do grupo Libração, formado por atores surdos, que por sua constituição, não usam música. Nesse contexto, acho super adequado a apresentação não ter música. De outra forma, acho fundamental ter música na apresentação.

Sheila Donio (Cria Playback - SP): Existe um grupo de playback de surdos em Joinville chamado o grupo Libração e eles não trabalham com música. A diretora deles é quem conduz os espetáculos, se eu não me engano são duas diretoras. E os atores do elenco é todo formado por pessoas surdas, então, para eles, eles não encontram sentido em utilizar a música nos espetáculos...

Outro ponto relevante é o olhar ampliado sobre a concepção de música. Atentemo-nos às falas da atriz e do ator; Joana Marques e Chico Oliveira:

Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro – PB): Eu acho que particularmente falando, não vejo playback sem música, sem instrumento, entendeu? A música está em tudo, a música tá no carro que passa na minha rua, a música tá no passarinho que canta, a música tá no corpo da gente, mas no playback é diferente, eu particularmente preciso ouvir aquela vibração que aquele músico faz, para poder ter essa junção, esse casamento, essa coisa fluida, é isso."

Chico Oliveira (Bodopitá Cia de Teatro – PB): A música é de extrema importância, porque eu não considero música só melodias com letras e harmonias compostas, porém qualquer som que é atribuído á composição da cena, a construir da cena é de extrema importância para fortalecer mais ainda a dramaturgia buscada...

Como podemos ver até aqui, nas respostas, os atores e atrizes obtêm relações diferenciadas com a música, que parte de uma experiência pessoal até reverberar no contato com a música na cena do teatro playback.

Buscando saber mais ainda dessas vivências individuais e como funciona o trabalho desses atores e atrizes entrevistados, apresento as respostas para a quinta pergunta – Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz? – Nelas, destaco os relatos das atrizes Sheila Donio e Cynthya Dias:

Sheila Donio (Cria Playback - SP): Muitas vezes eu inicio um dia com música... eu penso cuidadosamente que músicas eu vou utilizar nos exercícios, nos exercícios de aquecimento de corpo, exercício de caminhada, de percepção, eu escolho a trilha sonora cuidadosamente... (...) como atriz, me fortaleço com a música, me apoio na música, converso com a música em cena, jogo com ela... eu lembro de momentos também muito marcantes para mim, onde dialoguei diretamente com a música. Lembro de uma cena onde eu falava "quero ir", a música me chamava para ficar, eu e o músico ficamos nesse diálogo ali por um tempo. Lembro de uma outra cena onde um músico levantou e se posicionou durante uma encenação para ver um texto ali, como uma personagem, e naquele momento eu peguei um instrumento, levei o instrumento para o meio da cena e levei a música... fazer música para o meio daquela cena eu, levei a energia que estava acontecendo ali, para o meio daquela cena, no lugar do músico que naquele momento tomou uma posição de uma das personagens. Lembro de uma cena onde o músico entrou representando todo o seu sentimento, todo sentimento da personagem com uma gaita, e contou toda a história por meio dessa gaita. Eu também dentro do playback trabalho como musicista em muitos ensaios, em alguns cursos, em algumas partes de alguns espetáculos, não costumo fazer espetáculos inteiros na música, só em alguns trechos de espetáculos, a gente faz um rodízio de músicos no grupo... (...) é uma conexão muito forte, eu me conecto de maneira muito forte com a música. Ainda assim, muitas vezes como atriz, eu ainda sinto que poderia me conectar mais, que é o grande dilema de quem faz playback, se exercitar para enquanto você está em cena como atriz, ouvir a música e perceber a música, porque muitas vezes a gente não está com o ouvido trenado ali, para isso, eu tenho realmente uma relação muito forte, muito forte.

Cynthya Dias (Cia. N(ó)s olhar – PE): Sempre que necessário estou em cena, na sala de ensaio, ou em qualquer lugar caminhando com a música. Minha experiência com os instrumentos sempre existiram desde a minha adolescência, tocar instrumentos como violão, instrumentos de percussão, de sopro e teclado me possibilitam enxergar com o ouvido e tenho muito mais sensibilidade para a música no teatro, o que funciona ou não. Tudo se mostra significativo quando envolvo a música. Tudo é música pra mim.

A vivência da atriz Sheila Donio, como vimos, revela uma relação pessoal muito íntima com a música. É notado em sua fala a existência de uma troca, a vivência de um jogo com a música, jogando com o músico e com a música. Outra característica que aponto na fala da atriz é a possibilidade que seu grupo tem de estar no lugar do músico nas salas de ensaio e compreender melhor o responsável pela relação do elemento – música – na cena. Além disso,

podemos ver na atriz também uma necessidade de desenvolver continuamente uma conscientização da música para a cena do teatro playback.

Quanto à reposta da atriz Cynthya Dias, novamente percebemos a existência da sensibilidade com a música, que vai além da sala de ensaio ou casa de espetáculos; além disso, sua relação com a música age como um facilitador da criação teatral.

Contrapondo-se a essa relação pessoal consciente com a música, aponto as experiências das atrizes Clarice Siewert e Aline Lima, que destacaram situações que variam desde a dificuldade pessoal até problemas que a companhia passa/passaram com a música, o que consequentemente afetaria o processo individual da relação com esse elemento na cena. Observamos as respostas:

Clarice Siewert (Cia Dionisos Teatro - SC): Sempre foi uma dificuldade para mim. Atualmente, depois de muito treino com o grupo, já consigo acompanhar no canto. Mas tenho muita dificuldade em cantar ou introduzir a musicalidade na cena. Demorei muito tempo para de fato ouvir a música durante a cena no Playback. Atualmente vejo que a música é um elemento muito importante para a Dionisos Teatro. Tento sempre ficar mais atenta e jogar, como atriz, com a produção musical do grupo.

Aline Lima (Cia. N(ó)s olhar – PE): De descoberta, ainda. A música, talvez, seja o ponto mais fraco do nosso grupo, pois desde o começo enfrentamos problemas de encontrar um músico fixo, pois os que entraram no grupo saíram em pouco tempo e atualmente estamos sem alguém pra essa função. Então como grupo ainda é algo um pouco solto. E isso acaba influenciando a individualidade. Então, minha relação como atriz com a música no Teatro Playback ainda é um pouco distante por isso. Na função de músico, experimentei algumas vezes, mas não é muito minha praia. Sinto a falta que um músico fixo faz no nosso grupo, pra nos ajudar a entrar mais nesse universo.

Clarice Siewert pontua sua dificuldade na sua companhia, pelo fato especifico do desenvolvimento de um trabalho do seu grupo, onde os atores/atrizes entram na cena e constroem musicalidades cantando diretamente na cena, ampliando o uso da música. Já a atriz Aline Lima exemplifica a relação frágil que o grupo construiu com a música devido à ausência de músicos, evidenciando, em sua fala, uma consciência das consequências dessa falta.

A atriz Clarice Siewert, no final de sua resposta, acentua a importância da música e sua necessidade pessoal de mais aproximação. O ator entrevistado Rodolfo Costa também entende como fundamental a música no teatro playback, enfatizando a indispensabilidade individual e para o grupo de playback, se relacionar mais profundamente com esse elemento,

detalhando a sua busca pessoal de recursos para melhoria dessa relação. Percebamos em seu relato:

Rodolfo (Creatio Teatro Playback- MG): Minha relação é de uma amizade com a música, até que uma amizade que precisa ser explorada mais profundamente. Assim, porque é algo bem essencial mesmo, que me faz muito bem, que eu sinto que faz bem para os atores, para equipe, para as pessoas que escutam, mas como eu não sou músico profissional e, assim, querendo ou não busco inserir a música no meu dia a dia, mas não é algo tão vibrante. Hoje eu tava pensando nisso, até queria fazer umas aulas de dança assim, que a música estará mais presente, então acho que é uma amizade que eu quero aprofundar, eu colocaria isso.

Refletindo as relações pessoais da música no teatro para os entrevistados, realço a experiência peculiar da atriz entrevistada Andreia Rocha, que entrou no playback contribuindo para o elemento música, construindo composição para a cena do playback, e logo começou a entrar em cena do playback, considerando, por isso, fundamental a música na cena do playback. Conferimos sua resposta:

Andreia Rocha (Dionisos Teatro – SC): Eu comecei a minha participação com compositora na Dionísio teatro fazendo duas músicas para esse espetáculo, e dali por diante nos nossos improvisos a gente constrói muita dramaturgia dentro do palco, né, a partir das memórias, a gente trabalha muito com teatro de memória e através dessas informações que vão chegando para gente, de memórias e coisa e tal, depois eu acabo participando de alguma forma ou de outra, e com algumas composições contribuindo para o espetáculo. A música para mim a nível pessoal é algo que me faz pensar um pouco e desenhar dramaturgia na cena. Eu comecei a cantar em cena para cena e às vezes quando eu participo de alguma apresentação que não seja teatro me sinto um pouco peixe fora d'água, eu gosto muito de estar em cena para poder cantar as músicas para poder ter alguma forma de expressar teatralmente as músicas que compunha.

Já a atriz Andréa Silva tem relações diferentes com a música nos dois grupos de teatro playback dos quais faz parte. A propósito, é observado que muito dos atores e atrizes entrevistados atuam em mais de um grupo de teatro playback, como declara a atriz:

Andréa Silva (Cia's Nhemaria e Brasilis-SP): Minha relação pessoal com a música, então no Nhemaria eu participo mais da criação da música, pela forma mesmo como um grupo funciona a gente participa de todos os aspectos da criação, inclusive com a mediação com a plateia pela condução. Então no Nhemaria eu participo mais da criação, e na Brasilis não, faço poucas músicas, fica mais a cargo do músico...

A atriz Andréa Silva possui duas maneiras de se relacionar com a música em seus grupos, como observamos acima. No NheMaria, todos participam de todos os elementos de criação, papel do músico, da condução etc. Quando a atriz está assumindo o papel do músico, ajuda a construir o clima da cena também. Atuando na Brasilis, não há criação de música pela atriz, esse papel é conduzido pelo musicista do grupo e a sua relação com a música é comum a muitos dos grupos de playback.

Partindo para a sexta e última pergunta – O que você pontua de estímulo para influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro playback? –, procuro identificar diretamente quais os estímulos pontuais que a música faz influenciar na criação do ator e atriz de playback. As repostas abarcaram estímulos singulares que partem dessa relação pessoal com o componente musical e do entendimento referente à função da música no playback.

Essa pergunta tem o objetivo de ir mais além da compreensão que entendemos sobre a função da música no teatro playback: ela tenta detectar a particularidade dos estímulos da criação, apreciando o elemento música como um estímulo para a criação cênica. Com isso, ressalto algumas respostas que considero relevantes para esse objetivo. Iniciaremos a apreciação das respostas intimistas das atrizes entrevistadas Cynthya Dias e Joana Marques:

Cynthya Dias (Cia Nó (s) Olhar - PE): A música no playback é uma outra forma de respirar em cena, meus movimentos acompanham a música como a respiração nos acompanha se andamos mais rápido ou mais devagar. É como uma energia que nos dá direção, nos diz por onde caminhar na cena. Resumiria em respiração e direção/sentido.

Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro - PB): É assim, eu vou usar uma metáfora. Digamos que tem uma máquina e essa máquina tá trabalhando, ela tá funcionando, ela não tá emperrada, ela tá funcionando, mas assim, não tá fluindo bem, às vezes tem uma coisa assim que atrasa, que emperra, e aí se colocar um óleo nos pontos na máquina, ela trabalha com fluidez, ela trabalha com leveza. A música é no playback, na minha criação, como se fosse esse óleo. Eu sou a máquina, a música é esse óleo, me faz criar com fluidez, entendeu? Então, a partir do momento que eu pego a história do outro, eu estou ali em pé, me preparando para começar, e quando a música começa ela vem a partir do momento que ela entra nos meus ouvidos ou na minha escuta, na escuta do meu corpo, a minha criação fica fluída.

Como observado, a partir da relação intimista e das particularidades nas pontuações desses estímulos, percebemos que, para a atriz Cynthya Dias, a música pulsa como a respiração acompanhando todas suas ações; e na cena do playback, a música/respiração vai acompanhando e direcionando qual caminho deve prosseguir. Já para atriz Joana Marques, a

música é como uma máquina, o óleo de que ela precisa para o funcionamento eficaz dessa maquinaria cênica. O óleo/ música age para que a construção dela consiga alcançar uma maior fluência.

Trago também a resposta da atriz Sheila Donio, que detalha como se dão os primeiros momentos da música na cena do playback e como o contato com ela reverbera em seu corpo e na sua construção cênica.

Sheila Donio (Cria Playback - SP): Acho que o primeiro estímulo que vem da música para mim é quando ela entra em cena antes de mim, seja uma forma curta ou numa cena no processo que eu descrevi anteriormente, quando a música estabelece a energia daquela cena ou daquele momento da cena. É como se colocasse um tapete para eu como atriz entrar, me influencia muito fortemente, é como se a gente ali já tivesse começando a pintar aquele quadro juntos... (...) Em alguns momentos em que a música diz aquilo que a personagem diria, algo muito difícil de se dizer por exemplo, a música pode substituir um grito, pode substituir uma fala que machucou, que doeu, a música pode substituir uma punhalada, a música pode ser aquilo que é o mais difícil de mostrar no palco, então, também a partir dela, a gente constrói... (...) A música conta muitas vezes o momento de acabar aquela cena, ela nos convida sutilmente a encerrar a cena...(...) as vezes quando eu tô trabalhando com bons musicistas a música me convida a aprofundar uma emoção, que poderia sem a música, ter ficado um pouco mais superficial. Como se colocasse um negrito na minha atuação e facilita muito, é uma ajuda muito grande para colocar emoção para for a seja ela qual for a pontuar...

Sheila Donio destaca o estímulo da música desde o momento em que se inicia antes de sua entrada na cena e como ela influencia a sua criação. Podemos verificar pontuações importantes sobre o que entendemos a respeito da função da música no playback com o sentimento mais íntimo vivenciado pela atriz em sua criação. A música, para a atriz, prepara o ambiente para a criação conjunta. Consequentemente, nesse trabalho conjunto, a atriz exemplifica que a música pode assumir e estimular no jogo improvisacional como será o delineamento de suas criações, do personagem e da cena, podendo aprofundar mais a emoção que precisa evidenciar como senso da história do narrador.

A atriz Aline Lima também pontua os estímulos que a música proporciona. A música traz imediatamente a emoção profunda que paira na cena e no personagem:

Aline Lima (Cia Nó (s) Olhar - PE): A música me ajuda a perceber e acompanhar o ritmo das cenas. Além disso, possibilita um mergulho mais fundo nos sentimentos, não só da personagem que estou fazendo, mas nos sentimentos que estão pairando na cena como um todo.

Outro ponto relevante verificado nas respostas dos atores e atrizes entrevistados é a consciência do uso da música como um contraponto de criação teatral. O conceito de contraponto exposto pelas atrizes Clarice Siewert e Camila Canani, por exemplo, refere-se ao entendimento da apresentação de sentimentos opostos ou situações contrastantes que se complementam para um sentido geral.

As atrizes exemplificam como se dá o processo de construção de personagem e da cena através do jogo com a música. Nesse jogo, elas utilizam a forma do contraponto com a música como ferramenta de criação para o improviso. Consideremos as respostas das atrizes entrevistadas, Clarice Siewert e Camila Canani:

Clarice Siewert (Dionisos Teatro - SC): A gente tem um formato que chama raias e nesse formato a gente até trabalha também uma coisa de contraponto, então tento compreender para onde a música tá indo para de repente ir para outro lugar... então às vezes a música tá numa coisa triste, pesada e eu tento fazer uma cena leve e rápida, por exemplo, que é para trabalhar no contraponto né, para não ir tudo para o mesmo lugar. Às vezes a gente vai no uníssono, a gente vai junto com a música, às vezes a gente precisa encontrar a música daquele certo elemento de contraponto.

Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre – SC): A essência da história, composta de várias camadas, também faz com que às vezes eu atue em sintonia com a música (o personagem feliz com uma música feliz), por vezes como complemento - por exemplo, quando o ator-narrador menciona discrepância entre suas ações e emoções, posso representar muita felicidade mas a música denuncia a tristeza de fundo. Então, é importante ter sempre em mente que nem sempre a música guia na mesma direção que sua própria essência, mas justamente ao contrário. É uma relação de colaboração em que, como com outros atores, jogamos improvisamos juntes e nos influenciando mutuamente.

Mais uma vez, diante dessas respostas, podemos considerar o quanto o ator/atriz precisa ter uma agradável relação, consciência dos elementos do teatro playback e as possibilidades existentes dos usos desses elementos. Esse jogo só funciona quando todos estão conscientes da existência de cada um na cena e compreende a importância de todos como parte essencial da criação.

Para refletir também sobre a falta da consciência de alguns elementos ou apenas uma incompreensão qualquer, falta de clareza sobre quais são os estímulos da música existentes que influenciam o ator/atriz, apresento como exemplo a resposta da atriz entrevistada Andréa Silva, na qual podemos identificar a dificuldade de pontuar quais são esses estímulos que a música traz em sua criação:

Andréa Silva (Cia's Nhemaria e Brasilis- SP): Eu não sei te dizer, eu não sei te responder, eu acho que depende muito da cena, assim para saber o que a música me ajuda a criar, assim eu acho que mais o clima mesmo do que a música propõe, acho que é isso. Não sei dizer, às vezes nada, não sei, acho que depende muito da cena do personagem, assim acho que é isso talvez mais o clima mesmo, talvez o ritmo, eu acho que ainda bastante coisa, mas não sei especificar isso, não sei onde especificar muito isso, tá bom...

Mesmo sem muita clareza sobre esses estímulos, a atriz Andréa Silva aponta, como também pude verificar nas respostas de outros atores e atrizes entrevistados, a percepção da contribuição da música como meio de identificar o ritmo da cena em que é instaurada e a identificação específica na construção do personagem. Essa falta de clareza sobre os estímulos pode ser compensada pelos estímulos intuitivos. O intuitivo não está no plano da consciência, porém o desenvolvimento e conhecimento adquiridos pelo intuitivo existem e contribuem para a construção criativa principalmente na relação do jogo improvisacional.

Ao analisarmos as respostas dos atores e atrizes entrevistados, pudemos notar os seguintes pontos citados: existem convergências na identificação da música contribuindo para a criação do ator/atriz, ao delinear a atmosfera da cena e a construção do personagem; na influência da música como estímulo para a identificação do ritmo dos personagens ou da cena; na possibilidade que a música oferece para o aprofundamento da emoção na construção do personagem e o exercício de contraponto utilizado como estratégia criativa na construção do ator do teatro playback. Podemos observar que esses elementos pontuados também têm relação com o que entendemos sobre a função da música no playback.

Na identificação das divergências, percebe-se o teor de uma natureza subjetiva. Cada ator e atriz, a partir de sua relação individual com o elemento música na cena improvisacional do teatro playback, possuem experiências e inspirações singulares que vão além do que podemos atinar.

Como observamos, a influência da música proporciona ao ator e à atriz um leque de possibilidades em cena. Mas, essa influência que permeia o particular apresenta caminhos mais íntimos e construtores para a criação do ator/atriz e consequentemente para a cena.

Sendo assim, foram expostos pelos atores e atrizes pontuações referentes à influência pessoal da música nos seus processos criativos, como: o respiro da criação, a importância da música como jogo de criação na construção do personagem e da cena (o trabalho com o

contraponto), a música como impulso criador, desde o momento da entrada anterior do ator/atriz em cena e durante a encenação.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho, desde a elaboração do anteprojeto produzido na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1 (TCC 1), se propôs a refletir sobre a influência da música no processo de criação do ator/atriz, através da experiência subjetiva dos atores do teatro playback, pondo em discussão a contribuição do elemento música como estímulo criador para a cena e o leque de possibilidades que esse elemento pode proporcionar para a criação artística dos atores e atrizes.

Os estudos bibliográficos foram fundamentais para a compreensão da relação teatro vs. música na contemporaneidade, informações que colaboraram para o entendimento de como se deu a fusão e relação dessas duas linguagens nesse momento histórico, que remontam, possivelmente, aos primórdios das experiências dramáticas ou teatrais. Além disso, as considerações feitas para a discussão acerca do gênero do teatro de improviso também serviram como aprofundamento para compreendermos as especificidades do teatro playback.

Na busca de encontrar a resposta para o problema dessa pesquisa, pudemos perceber através das entrevistas com dez atores e atrizes de três regiões brasileiras – Nordeste, Sudeste e Sul – as subjetividades que apontam para respostas convergentes e divergentes a respeito do papel da música no teatro playback. Convergências, como por exemplo, a música em sua função de delinear a atmosfera da cena e do personagem, contribuindo para a ação criativa do ator, identificação do ritmo da cena e do personagem. Divergências nas respostas devido às relações íntimas e particulares sobre a percepção da influência da música, a partir de uma experiência pessoal da relação com o elemento música.

Compreendemos que não podemos fixar pontualmente os elementos influenciadores que a música pode proporcionar na criação do ator e atriz do teatro playback, mas é possível considerar que esses elementos estão relacionados com as inspirações subjetivas, pessoais e artísticas que o ator e atriz tem com o elemento música na criação da cena improvisacional no teatro playback.

Assim sendo, conforme as análises das entrevistas realizadas, não há condições de formar um entendimento fechado e rígido sobre o que a música causa no processo criativo do ator e atriz, mas podemos propiciar um espaço discursivo e dialogal, através das experiências individuais relatadas da influência da música no corpo dos atores e atrizes do teatro playback.

A pesquisa me possibilitou aprofundar os questionamentos da relação teatro – música que obtive durante minha formação e ampliar mais ainda a visão sobre a experiência subjetiva artística, que vai além das técnicas rígidas e autoritárias acerca dos processos criativos artísticos.

Nos levantamentos realizados para essa pesquisa, verificamos uma escassez de trabalhos com a temática da influência da música no processo de criação do ator/atriz. Logo, esse trabalho propõe uma discussão a partir do seu objeto para o desenvolvimento de outras pesquisas, tendo a música como parte dos processos criativos metodológicos.

Assim também como, para o teatro playback, esse trabalho poderá contribuir com os debates acerca do papel da música no teatro, para além de mero elemento decorativo. Certamente, há outras aplicações processuais que podem ser desenvolvidas por atores/atrizes, encenadores e professores de teatro, como pudemos conferir neste trabalho.

### REFERÊNCIAS

DUARTE JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Papirus, 2000.

FERNANDINO, Jussara Rodrigues. **Música e cena**: uma proposta de delineamento da musicalidade do teatro. Disponível em:

<a href="http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSSe7WKJB4/disserta\_o.pdf?sequence=1">http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSSe7WKJB4/disserta\_o.pdf?sequence=1</a>, Acesso em 15 abr. 2019.

MOREIRA, Jussara Trindade. **A contemporaneidade do teatro de rua**: potências musicais da cena no espaço urbano. Tese de Doutorado – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

MOREIRA, Jussara Trindade. **Imagem sonora**: da música à cena. Anais Abrace: V Congresso da Abrace, Belo Horizonte, 2008, v. 9, n.1. Disponível em:https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1623/1744 . Acesso em: 23/10/2020.

SALAS, Jo. Playback **Playback theatre**: uma nova forma de expressar ação e emoção. São Paulo: Agora, 2000.

SIEWERT, Clarice Steil. **Nossas histórias em cena**: um encontro com o teatro playback. Florianópolis: UFSC, 2009. 141 p.

SIEWERT, Clarice Steil. **Teatro Playback**: a história que as histórias contam. Disponível em: <a href="http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011037">http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011037</a>, Acesso em 15 abr. 2019.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVISKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TRAGTENBERG, Lívio. **Música de Cena**: dramaturgia sonora. São Paulo: Perspectiva, 1999, 171 p.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1989.

#### **ANEXOS**

Entrevistas concedidas em áudio e transcritas; ou respondidas por escrito pelos entrevistados

### Andreia Rocha (Dionisos Teatro – Região Sul)

### 1 – Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R – Uma das integrantes do grupo Dionisos de teatro, Clarice Siewert, trouxe pra nós a novidade do teatro Playback, que ela conheceu na faculdade de psicologia, então a partir de 2008 começamos os ensaios com o teatro Playback, um teatro de improviso, improvisar, a gente recebeu a visita de um professor Antônio Vittorino Cardoso da Clarice Siewert, que veio dar um curso, que é um Playbacker de Curitiba, muito conceituado, daí começamos a ensaiar e improvisar.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter

R- Os primeiros ensaios do Teatro Playback foram como se jogar no abismo mesmo, apavorante, porque tudo é na hora, em tempo real, mas, ao mesmo tempo, o histórico dos integrantes do grupo Dionisos Teatro estávamos juntos, na mesma formação, desde 2001, trabalhando juntos, quase que todo tempo, fez com que tivéssemos uma sintonia, o que ajudou muito a encarar o desafío do improviso do tempo real.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - A música dá a atmosfera da cena, ela ajuda a gente a costurar essa dramaturgia, é muito importante porque uma melodia, um instrumento, uma sonorização pode dar um norte muito grande pra gente conseguir fazer essa costura e esse arco da história, ajudar a construir essa dramaturgia, muitas vezes me peguei ouvindo a história e indo pra cena e uma música me veio na minha cabeça na hora, então consegui criar em tempo real uma música que desse conta da história do narrador ou um sentimento e isso começou a vir a partir do momento que

a gente começou a brincar um pouco mais com o tetro Playback, a gente foi se consolidando em cena e eu consegui fazer esse jogo de criação de música em tempo real.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento – a música – para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Eu nunca joguei no teatro Playback, nunca atuei sem que tivesse uma música de auxílio, não lembro de ter atuado sem música, sem sonorização ou algo parecido. Atualmente, eu brinco de teatro Playback também com um grupo de mães aqui da cidade que se chama: Demães, esse grupo é o teatro de Playback de mães atuadoras né, mães Playbackers, e apesar de eu não ter domínio sobre nenhum instrumento, eu participo da apresentação fazendo sonorização e cantando músicas em tempo real. Então eu não me vejo na cena sem o apoio da música, para mim, é uma fonte de inspiração, algo que te dar um norte, me dá aquela pontinha do fio do novelo para poder começar a dramaturgia, pra começar a escrever, desenhar essa história de forma artística e plástica em tempo real.

### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Antes de fazer teatro Playback, ao longo da minha história, que começa desde 1999 na Dionísos Teatro, foi quando eu comecei fixamente trabalhar com a Dionísos teatro, fui incentivada por outros integrantes a mostrar as músicas que eu compunha e foi no espetáculo Babayaga, não lembro exatamente o ano em que a gente estreou esse espetáculo, foi quando comecei a minha participação como compositora na Dionísios teatro, fazendo duas músicas para esse espetáculo e ali por diante nos nossos improvisos a gente constrói muita dramaturgia dentro do palco a partir das memórias, a gente trabalha muito com teatro de memória e através dessas informações que vão chegando para gente, de memórias e coisa e tals... depois eu acabo participando de alguma forma ou de outra, e com algumas composições contribuindo para o espetáculo. A música para mim a nível pessoal é algo que me faz pensar um pouco e desenhar dramaturgia na cena, eu comecei cantar em cena para cena, e às vezes quando eu participo de alguma apresentação que não seja teatro me sinto um pouco peixe fora d'água. Eu

gosto muito de estar em cena para poder cantar as músicas, para poder ter alguma forma de expressar teatralmente as músicas que componho.

### 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - Mais do que nunca, quando a gente tá no teatro Playback e estamos participando de alguma forma com uma composição, eu mais do que nunca, participo fazendo composições em tempo real, eu não domínio instrumentos, portanto, às vezes participo de alguma forma fazendo algumas sonorizações. Eu acho que o mais importante no teatro Playback, o mais importante é estar atento as histórias, são as histórias que são os fatores essenciais para o Teatro Playback. É estar atento ao narrador, ao que ele está falando, está tentando entrar em sintonia, prestar muita atenção ali, é instrumento, ali é material para você talvez compor alguma coisa. Geralmente você vai ouvindo a história, aquilo é uma inspiração, para mim no caso, é dali automaticamente que a música nasce, não sei explicar, eu estou ali atuando, estou ouvindo a pessoa, e vem aquela melodia, vem aquela letra na cabeça e elas saem pela minha boca, mas eu não estou aí para ficar exibindo um talento, não é um talento importante, eu estou alí para que saia da minha boca uma melodia, uma letra que contemple aquela história, porque o importante do Teatro Playback é a história, não é um show de virtuose, eu não estou ali para fazer um show de virtuose, eu quando estou no teatro Playback, enquanto compositora, às vezes em tempo real, estou para contemplar o narrador para que minha música ajude a costurar essa dramaturgia que devolve para o narrador de uma forma artística essa história que ele tá contando.

### Rodolfo Costa (Creatio Teatro Playback – Região Sudeste)

### 1 - Como o Teatro Playback chegou na sua vida?

R - Eu acho que como muitas pessoas através do psicodrama. Na verdade eu já fazia psicodrama e aí eu participei de uma trupe que trabalhava com Teatro chamado: Teatro de Criação que havia surgido a partir do teatro Playback, até então o teatro Playback era alguma coisa que eu escutava, mas uma coisa muito distante, ouvir dizer de uma companhia que tinha em uma outra cidade, mas nunca me interessei não, e aí fiquei mais no teatro de criação até que eu fui para um encontro de um Fórum Latino-americano de Teatro Espontâneo que aconteceu em Campinas, e aí lá conheci muitas pessoas na América Latina, Chile, Uruguai que praticavam o teatro. Eu conheci essas pessoas do Chile, Uruguai, entre outros e eles faziam um tipo de teatro que eu não entendia o que era, eu falei: poxa, tem uma coisa aí que eu não sei fazer, não sei o que é isso, eu até entrava em cena porque era todo mundo praticante teatro espontâneo, mas o Playback ali de certa forma estava prevalecendo. E aí, eu fiquei curioso depois de tentar entender o que é isso, aí quando eu voltei de lá, dessa experiência, eu comecei a pesquisar, procurar e comecei encontrar as pessoas, me encontrei com a Sheila, porque ela mora nos Estados Unidos, eu vi o trabalho dela e tudo, uma coisa distante, até que surgiu uma oportunidade conversando com a Dolores, que era uma pessoa que tinha uma companhia aqui em Viçosa, que é a cidade que estou morando hoje, e aí conversando com ela, ela falou que estava organizando a vinda da Sheila e que ela vai está aqui no Brasil, e aí quero pegar um workshop, eu tava na pilha de fazer, então ajudei ela na organização, reuni pessoas para participar do encontro e tudo, e aí nós tivemos o encontro em Belo Horizonte, conheci a Sheila, aí depois disso foi só melhorando, vamos dizer assim, né? fui fazer outros cursos, conhecer outras pessoas, me aprofundando nessa história, mas então se certa forma, a partir do psicodrama e da minha intenção de ficar mais próximo da parte teatral do psicodrama que acabei chegando no Teatro Playback.

# 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R- A minha relação com esse universo do teatro improviso, ele veio de certa forma do psicodrama, que é um trabalho que não tem ali um roteiro prévio, então foi meu primeiro contato com esse estilo de trabalho que eu poderia improvisar, eu adorava essa ideia de decorar texto de criar em cima do que me dá vontade, então foi dentro desse universo que começou acontecer. E aí depois eu já tinha essa cede, então já fazia essa trupe do teatro de criação e eu pensei: nossa, eu quero me envolver mais com teatro de improviso, e fiz o curso na área da improvisação do sistema Impro do Keyth Jones, do Canadá, talvez você saiba de alguma coisa... tem até uma influência de certa forma aí também no teatro Playback, pelo que eu li, na história do Jonathan. E aí, eu comecei também a fazer cursos nessa área de improvisação, eu gostava, sentia muito frio na barriga, e era uma pegada bem desafiante porque eram jogos, e é tudo realmente improvisado, exercício de cenas muito forte, achava bem impactante e muito bom, gostava muito e ao mesmo tempo sentia falta do acolhimento que eu recebia no psicodrama, porque o psicodrama dava muito suporte, eu sentia um cuidado muito grande no psicodrama, no teatro de improviso já não sentia, mas eu sentia que me dava muita bagagem, muito recurso de improvisação, e aí segui fazendo os cursos nisso, ficando curioso, e até teve uma pessoa que falou: nossa, legal você está fazendo essa ponte porque geralmente ela não conversa tanto dentro dessas áreas. Então, foi isso que eu fui fazendo assim. Minha visão do improviso é de que tinha uma potência muito grande, um mistério muito grande, sempre envolvido com essa parte da criação que o psicodrama traz, mas a minha relação com teatro de improviso em si ou improviso seco, sem ser de improviso dentro do psicodrama, foi uma relação de aventura, mas, de falta de cuidados em algum sentido, aí depois eu fui encontrando o teatro Playback, essa mistura bem interessante.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - Eu entendo o papel tanto da música, quanto do músico como elementos cruciais, elementos realmente chave dentro do trabalho que faz toda diferença, então se pensarmos na abertura no desenvolvimento, no fechamento, eu acho que é o toque sutil, o algo a mais e às vezes é o que ajuda as pessoas a se aprofundar na emoção dentro de uma cena, faz toda diferença. Acho que é um papel crucial, tanto da música quanto do músico.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento — a música — para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R- Minha opinião é que é fundamental, para mim é extremamente importante é algo que está na estrutura do teatro Playback, até onde eu sei. Então, é o teatro Playback, música no teatro Playback é o teatro Playback. A gente ficou sem música, a gente tinha um instrumento, eu conduzi e ao mesmo tempo toquei os instrumentos para não deixar de ter a música. Então, eu acho que realmente faz muita diferença, que é realmente mais um ator, que é tão crucial quanto o condutor, quantos os atores, não tem jeito, se você não tiver o número mínimo de ator acho que não tem jeito, eu acho que você não tiver um músico não tem como, mas fica realmente difícil né? eu já ouvi dizer que o Teatro Playback com um ator dá para fazer.. Dá para fazer alguma coisa ali, mas não é aquele que a gente conhece como Teatro Playback mesmo. Então assim, dá para fazer sem música ? dá, eu acho que dá, se a pessoa quiser fazer acho que dá, eu não sei até que ponto vai, com certeza vai faltar alguma coisa, mas igual à Trupe Libração, né? Não sei se você já fez contato com eles, mas a galera que faz o trabalho surdos, mudos e a facilitação para esse público também, então assim, não tem música né? não tem sons, embora tenham a vibração que eles entendem tudo, mas assim, tem um efeito aquele estilo de teatro de histórias reais as pessoas até então eu acho que assim, se a pessoa não pode ou não tem motivo pra não ter a música, a pessoa não tem jeito, não quer fazer, sei lá porque, ainda assim continua o Teatro Playback que tem um efeito, mas eu acho que é crucial para aprofundar.

#### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Minha relação é de uma amizade com a música, até que uma amizade que precisa ser mais explorada, mais aprofundada. Assim, porque é algo bem essencial mesmo, que me faz muito bem, que eu sinto que faz bem para os atores, para equipe, para as pessoas que escutam, mas como eu não sou músico profissional e assim, querendo ou não a música busco inserir no meu dia a dia, mas não é algo tão vibrante. Hoje eu tava pensando nisso, até queria fazer umas

aulas de dança, que a música estará mais presente, então acho que é uma amizade que eu quero aprofundar, eu colocaria isso.

### 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R – Bom, o que pontuo de estímulo é realmente a sensibilidade mesmo, acho que é o trabalho com a sensibilidade e ação. A pessoa não hesitar muito, porque ela tem que fazer, ela tem que tocar, ela tem que trazer a música para o plano real, o plano físico e ao mesmo tempo essa sensibilidade de ouvir a história e a criatividade também, eu acho que é sensibilidade criatividade e ação. Poder escutar a história com sensibilidade, se transportar para o universo musical independente se são músicas populares, já conhecidas ou não, criadas ali na hora... acho que é esse tripé sensibilidade, criatividade e ação.

### Clarice Siewert (Dionisos Teatro – Região Sul)

### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - Conheci o Teatro Playback em 2001, quando assisti uma apresentação do meu então professor de psicodrama, Antônio Vitorino Cardoso, de Curitiba. Depois nunca mais tive contato, e em 2007, quando entrei no Mestrado em Teatro da UDESC, envolvida que estava com a questão de Teatro e Comunidade, lembrei do Teatro Playback e decidi tomá-lo como meu objeto de pesquisa. Em 2008 começamos a ensaiar e apresentar Teatro Playback no meu grupo, a Dionisos Teatro. Esse formato tinha tudo a ver com o tipo de teatro que o grupo acreditava e, de certa forma, vinha pesquisando através de nossos processos de criação a partir de histórias reais.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Quando iniciei a pesquisa para o Mestrado, não imaginava que o grupo toparia experimentar este formato. Mas todos toparam logo de cara, e nos jogamos no teatro de improviso. Sempre trabalhamos a improvisação durante os ensaios e processos de criação, mas nunca como o formato em si. No início gerava bastante ansiedade, mas aos poucos fomos entendendo a estrutura do Teatro Playback e nos sentindo confiantes com o poder da atmosfera que se cria nesta forma de teatro.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - A música tem vários papéis diferentes. O primeiro é o de dar contorno para a apresentação como um todo, ajudando a criar a atmosfera e o ritual do Teatro Playback. É uma função muito alinhada com a condução. É também a música que dá todas as cores, atmosferas, sonoplastia e trilha sonora para as cenas. Seja pelas trilhas melódicas, pelas pontuações rítmicas, pelos sons que indicam ações e acontecimentos. Em nosso grupo, temos experimentado muito com a música na cena, tentando cada vez mais extinguir o limite entre

os atores e músicos. Temos um formato que criamos chamado História Cantada, em que os atores se aproximam do músico para improvisar uma canção para a histórica contada.

# 4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento – a música – para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Acho que para o público ouvinte, a música é de grande valia para ajudar a construir a cena, já que tem uma conexão muito direta com o emocional da plateia. No entanto, já assisti apresentações do grupo Libração, formado por atores surdos, que por sua constituição, não usam música. Nesse contexto, acho super adequado a apresentação não ter música. De outra forma, acho fundamental ter música na apresentação.

### 5-Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Sempre foi uma dificuldade para mim. Atualmente, depois de muito treino com o grupo, já consigo acompanhar no canto. Mas tenho muita dificuldade em cantar ou introduzir a musicalidade na cena. Demorei muito tempo para de fato ouvir a música durante a cena no Playback. Atualmente vejo que a música é um elemento muito importante para a Dionisos Teatro. Tento sempre ficar mais atenta e jogar, como atriz, com a produção musical do grupo.

# 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R – Então, para mim como atriz eu tento entender a música como mais um ator em cena assim, né, claro que tem uma questão que é uma ambientação, que quando vem alguma música alguma coisa mais melódica te ajuda entrar no clima, te leva para algum lugar. Mas também nosso músculo trabalha muito com algumas pontuações, ah sei lá, uma batida na porta, uma voz que vem de fora, mesmo sendo música né, então isso acaba nos dando impulso para a própria cena pra nossa ação, eu tenho um pouco de dificuldade ainda por exemplo de cantar em cena né, às vezes ele puxa alguma melodia, Andreia e Eduardo que tem mais facilidade eles improvisam cantando em cena né? Eu ainda tenho dificuldade em fazer isso,

mas é uma coisa que eu vejo que é possível ali no nosso grupo, mas a música funciona, ela nos atingi como um todo, um alinhavo emocional. A gente tem um formato que chama: raias, e nesse formato a gente até trabalha também uma coisa de contraponto, então tento compreender para onde a música está indo para de repente ir para outro lugar, então às vezes a música tá numa coisa triste, pesada, e eu tento fazer uma cena leve e rápida por exemplo, que é para trabalhar no contraponto, para não ir tudo para o mesmo lugar. As vezes a gente vai no uníssono, a gente vai junto com a música, as vezes a gente precisa ir contra a música para que ela seja um elemento de contraponto.

### Andréa Silva (Cia Nhemaria e Brasilis – Região Sudeste)

### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R – Nossa, foi de uma maneira bem, bem ao acaso mesmo, vou te contar como foi: Eu estava procurando trabalho, sou atriz, e naquele momento estava procurando trabalho, e aí uma amiga que não tinha nada a ver com teatro, viu um anúncio de uma companhia que estava precisando de atriz. E aí quando eu fui, era a companhia do Ferrara São Paulo Playback Theatre que foi onde eu conheci o Playback. Aí eu comecei fazer Playback, isso faz 18 anos, eu sou bem velhinha no Playback, aí foi como eu conheci, que era uma companhia que trabalha com empresas principalmente, ela foi criada para isso, para levar Playback para o meio corporativo.

Há 10 anos mais ou menos eu criei uma companhia, eu estava vindo de experiência de Playback no meio corporativo principalmente, tinha passado por duas companhias e aí eu criei a Nhemaria para fazer uma pesquisa artística mesmo, fora do ambiente corporativo para a gente pesquisar o Playback como teatro simplesmente, é um coletivo de mulheres, que já passou por várias fases. A gente continua atuando, mas a gente não está mais fazendo nesse momento, a gente parou um pouco com a pesquisa no Playback, a gente está pesquisando outras coisas agora, a gente ainda faz Playback, mas a gente parou um pouco com a pesquisa centrada no Playback. E nesse grupo, vou te falar desse grupo, porque acho que é interessante para sua pesquisa sobre música, a gente começou meio querendo, meio tentando fazer com todo mundo dividisse as funções, então assim, inclusive a música, aí depois a gente percebeu, porque não somos musicistas, embora a gente se ajude bastante com a música em cena, a gente começou a ver necessidade ao longo da nossa pesquisa, de ter uma pessoa que fosse musicista mesmo, um instrumentista que fosse cuja especialidade fosse a música, então a gente chamou uma musicista, mas, mesmo assim, sempre ao longo da nossa vida, no Nhemaria, as atrizes também fazem música, a gente tem as musicistas, mas as atrizes também faz música, a música é uma coisa muito presente para a gente, mesmo se falta, se por acaso não tem alguém para fazer música, o espetáculo tem bastante música porque a gente faz, a gente improvisa, as vezes dá muito certo, as vezes nem tanto, a gente improvisa a música a gente faz, usa muito isso na cena é uma forma de criação, faz muito parte da nossa pesquisa.

A gente tem um bom treinamento juntas de música, a gente ensaia músicas juntas, ensaia as cenas mesmo, para mim acho que isso é legal para sua pesquisa tá? E assim, a gente como eu te disse, começou querendo que todo mundo fizesse tudo junto, e uma coisa que a gente faz mesmo diferente um pouco dos outros grupos, que a gente não tem uma pessoa responsável pela condução, a gente reveza esse papel, Se uma conduz ou faz uma entrevista, quem vai convidar para próxima entrevista, para próxima história é outra atriz, a gente reveza mesmo o papel da condução, não tem uma condutora do espetáculo, gera um sentimento muito forte mesmo, a gente fica muito presente, não que quando a gente fica só como atriz ou só condutora, a gente não fique, mas a gente tá o tempo inteiro com espetáculo na mão assim sabe? Todo mundo é muito responsável pela condução do espetáculo, pela relação com a plateia, o tempo inteiro , porque todo mundo passa por esse por essa função, todo mundo estará na linha de frente, é isso que eu quero dizer, então eu tô falando isso porque é uma especificidade, eu acho que Nhemaria, eu não vi isso em grupo nenhum, sempre tem essa figura do condutor ...

Bom, eu também tô numa outra companhia de Playback chamada Brasilis, não sei se você conhece também. Essa companhia, também é voltada para o ambiente corporativo, ela também foi criada para atuar no ambiente corporativo, é isso que essa companhia faz, ela funciona de uma maneira mais tradicional e nessa companhia eu sou atriz, provavelmente você conhece porque se a Sheila me indicou, deve ter falado do Mário, que é condutor da Brasílis.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R – Sobre improviso, foi complicado no começo porque realmente o Playback foi minha primeira experiência com teatro de improviso, com o improviso como um produto final e não como meio de criação para cena, então foi difícil no começo, foi difícil entrar em cena. Depois, ficou muito bom, depois que a gente começa a entrar na brincadeira, ficou muito gostoso, tanto que eu faço isso há 18 anos, e aí a gente vai aprendendo fazer ne? Vai tentando criar jeitos novos de fazer alguma coisa, porque as vezes a gente cai no perigo também de usar as mesmas bengalas e tal, a gente quer fazer as coisas da mesma forma que a gente faz

sempre. Então, mas é muito gostoso, é uma maneira muito intensa de você trabalhar em grupo, eu acho muito lindo assim, quanto é intenso a gente está com o grupo e a gente realmente está numa relação que todo mundo contribui ali, eu acho muito bonito isso do Playback, o improviso no começo foi difícil, mas agora é muito bom, é meio viciante na verdade.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R – Assim, ainda que não seja qualquer tipo de música que a gente esteja falando, né? eu acho que às vezes nem precisa ter uma canção, mas a própria cena vai criando um ritmo. Eu acho que é muito importante, está atento para isso, ter esse treino para ter uma consciência, para isso é fundamental, acho que é um dos elementos de criação dentro do Playback de improviso, acho que o músico é também um dos atores tão importante quanto. A sonoridade da Brasilis é bastante diferente, já os atores não colaboram com a música, fica mais na mão do músico, são duas experiências bem diferentes que eu tenho em relação a música, no Nhemaria a gente faz tudo juntos e na Brasílis tem um músico que fica mais sozinho nesse papel, ainda assim ele é considerado que é um ator também dentro da cena.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento — a música — para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Bom, minha relação é pessoal com a música, isso que eu falei, já respondi bastante, nos grupos que faço parte, no Nhemaria a gente cria bastante junto, aí eu me sinto bastante à vontade para cantar, para dar algum clima com algum instrumento, para criar músicas e a gente acaba improvisando músicas juntas. Já na Brasílis, eu não faço isso.

### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - No Nhemaria eu participo mais com os instrumentos, eu ajudo na criação de climas pela música ou na criação das canções para pontuar algum momento da história, para contrapor a

música algum momento da história, eu canto os instrumentos, então é um pouco isso assim, ou as vezes não faço nada, e simplesmente fica a musicista fazendo a música e eu diálogo com a música dentro da cena de alguma outra maneira, ou vendo ritmo, ou ecoando a canção que ela está propondo, simplesmente ouvindo e dialogando com a cena, respondendo com a cena a música que ela está propondo, ou as vezes contrapondo mesmo, muitas vezes a música serve como um contraponto também na cena para criação.

# 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - Eu não sei te dizer, eu não sei te responder, eu acho que depende muito da cena pra saber, o que é que a música me ajuda a criar. Assim, eu acho que mais o clima mesmo que a música propõe, acho que é isso, as vezes uma música cantada, as vezes até as palavras propõe também um caminho para o personagem. Não sei te dizer, às vezes nada, acho que depende muito da cena, do personagem, da situação, acho que é isso, talvez mais o clima mesmo, talvez o ritmo que propõe bastante coisa, mas não sei especificar, não sei quantificar, acho que é isso.

### Chico Oliveira (Bodopitá Cia de Teatro – Região Nordeste)

### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - Eu estava fazendo o curso de especialização em psicodrama na Associação Brasileira de psicodrama em São Paulo e o meu professor de teatro espontâneo era Antônio Ferrara que tinha acabado de chegar dos Estados Unidos e efeito curso de Playback Theatre. Ele foi o primeiro brasileiro a fazer esse curso lá na escola em Boston nos Estados Unidos e ele começou a falar para gente sobre essa experiência e que queria muito montar uma companhia para esse tipo de teatro. Então, fui convidado e foi quando eu conheci e integrei a turma, companhia pioneira do Playback Theatre no Brasil, que na época não se chamava: Teatro Playback, a gente sempre usou a marca Playback Theatre, então eu fiz parte da São Paulo Playback Theatre, que foi criada por Antônio Ferrara, fui um dos fundadores junto com outros colegas lá de São Paulo. E foi assim que eu conheci o Playback, através do Antônio Ferrara, pioneiro do Playback Theatre no Brasil em São Paulo.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - A minha primeira relação com o com esse tipo de teatro, foi extremamente encantadora. Eu fiquei encantado com a possibilidade de fazer um teatro completamente fora do estilo convencional, do estilo vigente mais comum. Então, eu já fazia o psicodrama e no psicodrama a gente tinha contado com o teatro espontâneo que também é um teatro que se utiliza muito do improviso apesar de ter um roteiro específico, que foi criado pelo Moreno. Mas o Playback me encantou profundamente porque se alimentava das histórias contadas e nós atores improvisávamos a encenação em seguida, e sem combinação prévia. Então, esse tipo de teatro do improviso foi uma relação de extrema paixão e também de muito medo, muito respeito de não saber fazer, mas aí com o tempo a gente vai se jogando, percebendo que é possível alcançar essa magia proposta pelo Jonathan Fox, a partir dessa improvisação, dessa técnica do Teatro Playback que conta especificamente com improviso da companhia.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R – É extremamente importante, é mais um ator do time que deve está bem afinado com os demais. Todos devem estar para música, como a música deve estar para todos e para o todo, porque é fundamental essa alimentação da cena com a sonoplastia criada ao vivo pelo atormúsico, então o papel da música e do músico no Playback é de extrema importância, fundamental para o enriquecimento e a magia deste teatro, e para reforçar mais ainda as potencialidades cênicas e dramatúrgicas da história contada.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento – a música – para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R – Como eu falei na resposta anterior, eu acho a música de extrema importância, porque eu não considero música só melodias ou apenas a música com letras e harmonias compostas, mas qualquer som que é atribuído para composição da cena, para ajudar na construção da cena, é de extrema importância para fortalecer mais ainda a dramaturgia buscada, porém eu já vivenciei alguns momentos de apresentações que o músico não estava presente, mas que nós mesmos, os atores, saímos ou propúnhamos algum tipo de musicalidade de som para a cena, mas pela minha experiência aqui no Brasil, o papel dos músicos numa companhia de Playback é de extrema importância, para qualificar ainda mais o trabalho executado em cena. É possível sim, fazer sem a presença do músico específico, né, nesse papel os atores fazendo sua própria sonoplastia, musicalidade, mas quando a companhia, o grupo tem o seu próprio ator-músico, eu acho que fica muito mais rico, potencializado positivamente a cena, a dramaturgia e o alcance, a magia e encantamento nesse tipo de teatro.

### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - A música para mim é interna, sabe? Eu gosto muito de uma frase, uma colocação de Ariane Mnouchine, que é diretora do Teatro de Soleil que fala que o ator deve observar, deve perceber a musicalidade interior dele durante o seu trabalho, então eu me vejo com um bom ouvido para música em geral, no teatro, para as cenas ou fora dele. Então, para mim com a

música no teatro é direta e fundamental, seja ela sendo expressada por mim, seja eu me alimentando da música para potencializar mais ainda a minha expressividade como ator na cena proposta de vida. Essa relação é direta, fundamental, muito profunda, muito respeitosa e essencial, necessária, muito necessária.

# 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - Para mim o estímulo é sensorial. A música é fundamental para o Playbacker, o ator desse teatro, ou do teatro como um todo, a música é fundamental e essencial porque estimula sensorialmente o ator. No caso do Playbacker, é uma estimulação direta, sensorial para que ele possa ser fiel mais ainda, adequado e espontâneo para a expressividade com relação a essência da história que foi oferecida. A música é estimulante sensorial direta, fundamental e necessária para o ator se conectar mais ainda com a essência da história.

### Joana Marques (Bodopitá Cia de Teatro – Região Nordeste)

### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - O Playback entrou na minha vida seguinte: Chico Oliveira tinha chegado em Campina Grande, ele é daqui de Campinas, mas morava em São Paulo, ele tinha chegado em Campina Grandtinha e criado um grupo do Playback. Eu já fazia parte de um outro grupo de teatro. Passando-se algum tempo, ele já tinha apresentado inclusive, já tinha estreado, já tinham passado outras pessoas pelo grupo, aí veio a oportunidade de uma oficina de Playback, ministrada por Sheila aqui em Campina Grande, e aí eu não pensei duas vezes na hora, eu fui e me inscrevi. No final da oficina a gente soube, que meio que a gente ia ficar tipo de stand by e quando saísse alguém da companhia, que era a Cia Bodopitá, aquelas pessoas que tinham feito a oficina participariam do grupo. Não demorou muito e aí nós fomos chamados, quatro pessoas se não me engano, dessas pessoas que foram chamadas, eu fui a única que fiquei até o fim, quer dizer, ainda hoje eu participo de Teatro Playback né? E aí, foram anos maravilhosos para mim, além do teatro "normal", o convencional, eu fazia também o Playback, entre outras coisas, como contadores de histórias, atriz de cinema, eu também era atriz do Playback.

# 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Então, eu nunca estudei improviso fora o Playback, que também trabalha improviso. Eu nunca tinha feito uma Oficina de Improviso, eu nunca tinha feito nada assim, digamos profissionalmente falando, uma oficina ou curso relacionado a improviso, mas desde lá de trás, lá atrás antes de começar com o teatro, sempre aparecia alguma coisa nos grupos que eu fazia parte, grupos de igrejas, grupos folclóricos, porque eu comecei a minha carreira artística cantando em grupos folclóricos. E aí, sempre que aparecia alguma coisa, modéstia parte eu sempre tive essa facilidade, eu sinto isso, e com a chegada do Playback isso ficou mais aflorado, porque a gente leva para vida, você tem que está pronta, aparece uma coisa aqui ou melhor a gente tem que estar pronto, aconteceu algo você tem que improvisar, então isso na minha vida, no meu pessoal sempre me dei muito bem com improvisos, muito bem mesmo. Então, quando eu entrei para o Playback, quando fui fazer a oficina de Sheila, e que eu

entendi que tinha também essa pegada de improviso foi muito fácil. Foi super fácil, eu tenho uma facilidade muito grande dessa coisa de improvisar, sabe? Eu acredito muito que isso vem da minha infância, eu fui feirante por muitos anos quando criança dos 10 aos 16 anos eu trabalhava na feira com minha mãe, o meu pai faleceu quando tinha 8 anos e a minha mãe não tinha emprego e aí a gente teve que se virar no improviso. O improviso na minha vida começou daí na verdade, a gente teve que se virar, teve que ir para feira e enquanto minha mãe tomava conta de um banco de sandálias, ela colocava pra mim uma lonazinha, um caixote e colocava colorau, bombril, fósforos e eu ajudava ela, ficava olhando,só com 12 anos que eu comecei a tomar conta de um banco também. Então, isso é perceptível até hoje, nós somos quatro irmãos, os dois irmãos que participaram da feira central e os outros dois irmãos que não trabalharam na feira. Tanto eu como meu irmão, temos uma facilidade de lidar com o improviso que é fantástica, modéstia parte eu gosto muito e eu devo isso a feira.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - Eu entendo o papel da música e do músico como fundamental na construção de cada história, de cada cena. A música ajuda, falo pela minha experiência com a música, eu já cantei coral, lá no início da minha carreira, tenho uma carreira de 30 anos, quando eu comecei cantava também em grupo folclórico como comentei na pergunta anterior. A minha opinião vem baseada nessa coisa da minha família, que eu tenho uma família muito musical, e isso passa de pai para filho. Eu hoje, o único instrumento que toco é triângulo, mas meus filhos tocam vários instrumentos.

Eu particularmente acho fundamental porque ajuda, assim como a música me ajuda no meu pessoal. Ajuda na minha trilha sonora, cada época que passamos temos uma trilha sonora. Naquele momento, as vezes o ator está na construção da cena mas conectado com o som, o ator-músico me dá uma música, temos um casamento e nesse casamento a a coisa flui porque a música ajuda nesse processo da cena. Eu acredito que não há Playback sem música, até acontece Playback sem a música né? Mas eu não vejo o Playback sem música, eu acho que fica seco, fica uma coisa estranha. Se bem que a música está em tudo, até no silêncio a gente tem música, mas não é disso que eu falo, é de ouvir mesmo aquele som ou vibrar em mim e a partir daí eu começar a colher a oferta do material para eu poder construir a cena. Em relação ao músico, já teve momentos da gente ter ensaio, e o músico ter faltado e eu ter vivenciado

essa outra parte, como eu tenho também essa ligação com os instrumentos, já oriundo da minha família, aquela coisa toda, para mim é super fácil pegar um instrumento, pegar um apito, um triângulo ou um pandeiro e soltar uma nota mesmo não sabendo tocar, mas soltar, ter a ideia de que ao soltar aquela nota, isso também está contribuindo para a cena que o meu amigo também está fazendo lá, entendeu:? Então, para mim eu não vejo Playback sem música.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento – a música – para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Mas é isso, eu acho que particularmente falando, não vejo Playback sem música, sem instrumento, entende? A música está em tudo, a música está no carro que passa na minha rua, a música está no passarinho que canta, a música está no corpo da gente, mas no Playback é diferente, eu particularmente, preciso ouvir aquela vibração que o músico faz, para poder haver essa junção, esse casamento, esse essa coisa flúida sair assim... É isso.

### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R – Engraçado, que você faz uma pergunta e eu vou para um espetáculo que eu faço, que até não é de Playback, mas como isso toca né?, tem um espetáculo, que não é Playback e cada música que toca, que tem lá sonoplastia fazendo eu sinto, eu percebo, eu escuto, não é de se estranhar o ator tem que estar ligado a isso também né? mas eu falo, porque em outros momentos eu já tive espetáculo que a música tava ali, mas eu tava tão envolvida na cena que muitas vezes, eu não me vejo com essa coisa de lembrar que naquele momento estava tocando aquela música entende? E aí já mais para cá, já nos espetáculos agora, é fantástico, até nos meus espetáculos de contação de história, que eu também canto, como é importante esse canto, como é importante, ou melhor como é necessário, como é essencial. Ainda complementando essa pergunta, minha relação pessoal com a música é uma relação de amor, visceralmente falando.

# 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - É assim, eu vou usar uma metáfora. Digamos, que tem uma máquina e essa máquina está trabalhando, ela está funcionando, né? ela não está emperrada, mas ela está funcionando, mas assim, não está fluindo bem, às vezes tem uma coisa assim que atrasa, que emperra e aí ao se colocar um óleo nos pontos da máquina, ela trabalha com fluidez, ela trabalha com leveza. A música no Playback na minha criação, é como se fosse esse óleo. Eu sou a máquina, a música é esse óleo, me faz criar com fluidez, me faz a partir do momento que eu pego a história do outro, estou ali em pé me preparando para começar, e quando a música começa, ela vem a partir do momento que ela entra nos meus ouvidos ou na minha escuta, na escuta do meu corpo, a minha criação fica fluida.

#### Sheila Donio (Cria Playback – Região Sudeste)

#### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - 2002 eu já era atriz profissional aqui em São Paulo, trabalhava com teatro convencional, trabalhava principalmente com teatro infantil na verdade. Numa instituição onde eu trabalhava como voluntária junto com os meus pais, houve a divulgação de uma peça de teatro e meu pai já tinha visto essa peça, veio me falar que achava que eu devia assistir, que era um teatro diferente do teatro convencional que a gente conhecia. Ele achava que eu ia gostar. Era uma peça que estava arrecadando alimentos para famílias carentes que essa instituição ajudava, fui assistir e fiquei muito entusiasmada com aquilo que eu vi, eu fiquei muito mexida. Eu assisti uma hora e meia de espetáculo, entendendo que aquilo era o que eu queria fazer. Para encerrar o espetáculo, o condutor perguntou para o público se alguém queria falar como estava se sentindo ali ao término do espetáculo e eu levantei a mão e ele me convidou para compartilhar e eu me apresentei dizendo que era atriz e que eu faria aquilo para o resto da minha vida. Eu entendi o Playback assistindo aquela apresentação, eu entendi assim, o que eu precisaria aprender, eu entendi a técnica por trás do que eu estava vendo, não que eu tivesse entendido como fazer aquilo, mas eu entendi o que eu tinha que aprender, a técnica, sabe? Para mim ficou tudo muito claro. Quando acabou o espetáculo eu fui conversar com o diretor da companhia e perguntei a ele para onde eu podia mandar meu currículo. Eu entendi que eles trabalhavam se apresentando para empresas, eu queria saber para onde eu mandava o meu currículo e ele foi muito seco dizendo que eu podia entrar no site deles e enviar o currículo, mas disse também que não tinham vaga no elenco, eu mandei mesmo assim. Depois de um ano, recebi um e-mail deles divulgando um workshop de introdução ao Playback que o diretor e uma das atrizes dariam. Esse workshop ocorreu mais ou menos um ano depois da apresentação, então fui muito focada e eu queria que eles conhecessem o meu trabalho e eles me falaram: "isso não é uma audição, a gente não está com processo seletivo aberto, não é um processo seletivo", mas eu falava: "tudo bem, eu só preciso que vocês saibam que eu existo e conheça meu trabalho, o que posso fazer para vocês e se um dia precisarem de mim, lembrem-se de me chamar". Fui e fiz o workshop de introdução, foi curto, acho que foram 8 horas no sábado e 8 horas no domingo e aí no final do dia, no

domingo a gente fez uma miniapresentação para famílias. E para mim, aquilo era o início de uma jornada de estudos e treinamentos. Depois de cinco ou seis meses, acho, eles me ligaram porque precisavam de uma atriz para ser estagiária da companhia, eles queriam expandir o elenco em algum tempo e queriam que eu entrasse como estagiária. Então, em março de 2004 eu entrei para o elenco da São Paulo Playback Theatre, que foi a primeira companhia de Playback que se tem conhecimento no Brasil. Comecei a trabalhar com eles primeiro como estagiária, participando dos ensaios, assistindo os espetáculos e também entrando em cena uma vez por mês quando um dos atores fazia um exercício de condução no espetáculo, era só para amigos e família. Nesses espetáculos eu entrava em cena como atriz e um ano depois eu entrei para o elenco oficial, e fiz parte de todas as apresentações no ano seguinte. E foi aí que comecei a estudar o Playback no que hoje é o Centre For Playback Theatre. Em 2005, fui estudar nos EUA com os fundadores do Playback o Jonathan Fox e a Jo Salas, e ali eu entendi o que eu precisaria aprender, desde então não parei de estudar e trabalhar com o Playback.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Eu nunca gostei de improviso, eu tenho dificuldade com improviso, eu fiz escola profissionalizante de teatro depois de já ter o DRT, mesmo já sendo formada fui estudar o improviso era a parte que eu menos gostava da aula de interpretação, como era difícil, eu até hoje não gosto de improviso livre, sem muita estrutura, eu me sinto muito desconfortável, eu me sinto cobrada pela plateia, cobrada pelos colegas, cobrada por mim mesma. Eu acho que eu tenho que ter uma ideia genial e fazer alguma coisa genial, eu acho muito ruim, não gosto desse processo e eu falo isso, quando eu dou principalmente de curso básico de Playback, eu sempre falei isso para os meus alunos que não gosto de improviso.

Agora, o que me atraiu no Playback, que me faz sentir segura e tranquila com Playback, é que tem um ritual fortíssimo e esse ritual traz um contêiner, traz um uma estrutura onde a gente pode improvisar com segurança.

Então, eu entro numa cena no Playback Theatre, não sabendo de tudo o que eu vou fazer, mas sabendo toda a técnica, estrutura que está nos sustentando, eu entro, eu ouço um sentimento de alguém da plateia no início de um espetáculo onde a gente vai fazer uma representação de sentimento em som, em movimento, eu posso não saber antes da pessoa

parte da sua história, nada do que ela vai falar, mas eu sei que eu vou ouvir uma história dela e que eu vou observar o sentimento principal e que depois que a condutora ou condutor falar: "vamos ver?", eu vou dar dois passos á frente e com som e movimento me juntar fisicamente aos outros atores e atrizes e ali todos nós vamos incorporar aquela emoção e viver aquela emoção por 30 segundos junto com a música tocando, depois nós vamos congelar e aí nós vamos voltar para o nosso neutro, olhando para aquela narradora ou narrador. Essa estrutura me traz muita tranquilidade para improvisar.

Eu também trabalho com o Clown. Comecei meus estudos com o Marcelo Colavitto em 2001. O Clown também me traz uma estrutura, uma estrutura diferente, mas também é uma estrutura, a lógica do meu Clown é estrutura suficiente pra mim. Então, se me sinto cobrada, se eu penso que eu não sei o que fazer eu só respiro e deixo a energia do Clown falar e agir. Eu não tenho o mínimo interesse com os exercícios de improvisação, ou com os espetáculos de improvisação, que são estruturados para demonstrar a genialidade de algum ator ou de alguma atriz. Nada que tá ligado muito ao ego me atrai, o que me atrai no Playback é que o nosso foco de dar voz as pessoas e suas histórias pessoais. Principalmente as pessoas que não tem chance normalmente de compartilhar suas histórias, principalmente aquelas vozes que são menos ouvidas na nossa sociedade, então esse objetivo diferente da improvisação mais conhecida também me atrai, me toca o coração, me aquieta a alma e me traz mais segurança.

#### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - A gente costuma dizer que a música tem três funções no Playback, uma delas é criar o clima da história, a segunda é trazer estrutura para história e a terceira é acompanhar o arco emocional de uma história. A música pode trabalhar fortalecendo, dando ênfase as emoções que as personagens em cena estão demonstrando ou a música pode ser outra personagem dialogando com quem está em cena. A música pode ser o texto, mas também a música pode ser o subtexto. O Jonathan Fox fala em sua biografía, sobre o processo de desenvolvimento da música no Playback, como surgiu, quem começou a desenvolver a música no Playback, ele fala do poder que a música tem de intensificar e aprofundar o impacto das cenas, das histórias. A música realmente sustenta todo esse trabalho emocional, e dentro de um espetáculo ela aparece de várias formas. A música é muitas vezes usada como um início e o fim, então

dando um pouco de estrutura ao arco do espetáculo como um todo, muitas companhias abrem com a música e encerram as vezes com a mesma música, as vezes com outra música, até para estabelecer que essa é uma apresentação de teatro. Diferente de um bate-papo, diferente de uma roda de conversa, diferente de uma terapia em grupo, ou de um espetáculo de psicodrama por exemplo. É um espetáculo de teatro, então a música também é uma forma de trazer a parte da arte do Playback muito fortemente. O Playback tem três pilares de sustentação que é a arte, o ritual e a interação social. O Jonathan Fox argumenta em um artigo, e a Jo Salas traz outro artigo sustentando isso também, que o bom Playback está na interseção desses três círculos: arte, ritual e interação social. A música é arte e ela ajuda a estabelecer esse espetáculo de teatro, só que a música também tem um papel fundamental no ritual.

Então, quando a gente por exemplo, está falando das cenas longas, a forma de narração longa, o ritual dessa forma tem cinco fases, a primeira parte é a entrevista, quando o narrador ou a narradora vem até o palco senta numa cadeira especial, isso já acontece na metade do espetáculo, e a condutora ou condutor faz uma entrevista e colhe mais detalhes da história que está sendo contada. Depois que esse momento termina com a condutora ou condutor falando: "vamos ver?", e nesse momento a música se inicia e existe uma música de anunciação de que algo vai acontecer, uma música que traga já um elemento conectado a essência da história ou uma das essências da história que foi contada e que também traga um sentimento de prenúncio de algo. O Jonathan fala muito dos tambores africanos que anunciam que algo vai acontecer, conecta a música nesse momento do espetáculo, com essa energia dos tambores trazendo algo novo, uma notícia, antecipando um evento.

E a música toca ali e os atores se posicionam e congelam, e naquele momento a música faz uma quebra para avisar os atores que eles já podem dar início a cena. E essa é a terceira parte da estrutura dessa forma: a encenação. Ao final da encenação, a música é tocada e os atores congelam e aí todos se voltam neutro, se voltam para a narradora ou narrador, reconhecendo o presente que foi dado, o esforço que é feito para se compartilhar uma história pessoal em público e essa é a quarta fase.

A quinta fase, é quando a condutora ou condutor da palavra de volta a quem contou essa história, para que a pessoa tenha a última palavra. Novamente, a gente pergunta algo do tipo: "você viu a sua história no palco?" "Foi assim que você se sentiu?" a gente diz alguma frase que estimule a pessoa poder falar mais alguma coisa, se ela tiver vontade e assim essa pessoa é convidada a voltar à plateia. Então, encerramos essa forma, que chamamos de cenas,

isso no teatro presencial, agora a gente tem toda uma estrutura diferente, mas com a música tendo a mesma função.

Na forma longa de narração, a música vai trazer às vezes uma ambiência, às vezes ela vai trazer a carga emocional da personagem principal, de quem conta uma história, às vezes ela vai trazer outras vozes, outras sensações. Aqui no Brasil, a gente trabalha muito com canções conhecidas, famosas. Em outros países essas canções conhecidas não são utilizadas, imagino que pouquíssimas pessoas utilizem, a grande esmagadora maioria dos Playbackers que eu conheço, em mais ou menos 60 países, só utilizam a canção se ela está sendo composta na hora, para aquela cena. Aqui no Brasil sim, a gente tem uma tradição de trazer músicas conhecidas e os bons músicos aqui transformam as músicas conhecidas, ou mudando a letra e mantendo a melodia, para que essa melodia traga a energia que as pessoas já conhecem daquela música original, mas, que a letra se adéqua ao que está acontecendo na história ou o contrário, mantendo a letra, mas adaptando a melodia para energia da história.

Em outras formas utilizadas no espetáculo de Playback (a gente usa as formas curtas no início dos espetáculos) a música tem o seu rito, dependendo da forma a ser utilizada, mas, sempre acompanhando a encenação daquela forma que eu citei. Estruturando a cena, acompanhando o arco emocional das personagens, criando ambiência, às vezes junto com a personagem que está em cena e às vezes contraponto a essa mesma.

A música funciona em muitas formas como mais um ator ou uma atriz em cena. A música também move a cena diante, a música também traz signos relacionados à história para levar todos os atores para um ponto específico da história. Então, a música pode adiantar a história ou pode sugerir um flashback, ea pode brincar com o tempo e espaço de uma história, da mesma forma que os atores ou atrizes fazem. A música realmente é mais um ator ou mais uma atriz.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento — a música — para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - É perigoso a gente colocar sobre uma interpretação de que o Playback pode ocorrer sem música. Pode ocorrer sem música? Pode, claro que pode, mas até o Jonathan coloca que depois que a música entrou no Playback se apresentar sem ela parece que você está se apresentando sem um braço. A música é parte fundamental do Playback, tanto quanto os atores, tanto quanto à condução, tanto quanto a plateia.

Um dos ritos do Playback é a estrutura física do palco. Então, a gente tem a plateia que pode se organizar em forma de uma meia lua, ela ocupa metade de um círculo ali, e aí você tem duas cadeiras colocadas na diagonal, uma usada para condutora ou condutor sentar, e outra o narrador ou narradora sentarem. A cadeira do narrador ou narradora é usada no momento em que as histórias mais longas são compartilhadas. Depois disso você tem tradicionalmente uma arara com alguns tecidos, seguindo um arco você tem uma linha de atores, onde ficam em pé numa linha que chamamos de neutro ou sentado para ouvirem as histórias mais longas. Depois, continuando meio círculo, nós temos um espaço vazio que algumas companhias também colocam alguns tecidos ali, mas é um espaço onde a gente usa como nosso "fora de cena", então quando a gente não está em cena, a gente está nesse espaço neutro. Os atores de Playback nunca saem de cena realmente, a proposta é para que a gente sempre esteja aos olhos do público.

E aí fechando esse semicírculo nós temos a estação da música, que pode ser uma mesa que é colocada na diagonal, o músico ou musicista, às vezes mais do que um, ficam numa posição onde eles possam enxergar o rosto dos atores e onde eles possam ser vistos pela plateia e também ver a plateia. Essa estação da música, fica em contraponto das cadeiras, são as duas pontas desses semicírculos, e isso é um ritual bastante forte para gente. Sem algum desses elementos é possível fazer Playback? É, mas talvez a gente não possa chamar de Playback tradicional. Talvez seja uma adaptação do que é o Playback Theatre. A música tem papéis tão fundamentais, que sem ela, acho difícil a gente dizer que o que está sendo feito é Playback.

Acredito mais em dizer que é uma adaptação e essa adaptação pode acontecer por vários motivos, e não necessariamente é uma adaptação negativa, pode ser algo positivo, existe um grupo de Playback de surdos em Joinville chamado: Grupo Libração e eles não trabalham com música. A diretora deles é ouvinte e é ela quem conduz os espetáculos, se eu não me engano são duas diretoras, as duas são ouvintes. E os atores do elenco é todo formado por pessoas surdas, então para eles não encontram sentido em utilizar a música nos

espetáculos, os espetáculos deles são para surdos e para ouvintes, e não sei se ele já experimentou alguma vez, mas o conhecimento que eu tenho é de que eles não utilizam a música. Eu acho fantástico, se para eles não faz sentido e para plateia deles não faz sentido, e eles adaptam o Playback original para algo que faça sentido para eles, para espetáculo deles, para o elenco deles, para o público deles, a gente tem que sempre pensar o "por que" das adaptações que a gente faz, eu penso assim.

Uma vez vieram me consultar sobre a possibilidade de fazer um espetáculo sem música, esse referido grupo recebeu um chamado pra fazer um espetáculo dentro de uma igreja, era um local onde não poderia ter música, daí eu coloquei algumas questões para eles pensarem, onde estavam se colocando e quais adaptações deveriam ser feitas. Porque a música não vem só do músico ou da musicista, a música no Playback vem de todo elenco, os atores cantam, os atores fazem música com corpo, os atores muitas vezes têm acesso aos instrumentos. A música faz parte do nosso espetáculo vindo por vários lados. E você entrar no espetáculo onde a música é proibida, é você se comprometer de uma forma bastante avançada, bastante intensa, eu acho que a gente tem que pensar bastante quando vai fazer uma adaptação dessas. Eu vejo muito, principalmente no Brasil, mas não só no Brasil, vejo também na comunidade do Playback as companhias trabalharem com músico profissional, que não entra como um dos atores ou atrizes e muitas vezes a companhia esquecem de integrar esses dois mundos e colocam como algo muito separado. Eu vejo os músicos reclamando de se sentirem muito isolados, e eu vejo atores e atrizes reclamando de se sentirem muito desconectados com a música, e os melhores trabalhos de Playback acontecem quando há uma integração mesmo, quando o trabalho acontece junto quando é construído junto, quando a gente entende que não existe um lugar mais importante do que o outro. O palco do Playback é um palco onde os papéis não passam por nenhuma hierarquia, não existe ninguém ali mais importante do que ninguém, em nenhum momento. Nem o ator ou atriz que é escolhida para fazer a narradora da história, nem ela é mais importante do que os outros atores ou as outras atrizes, a musicista ou músico, porque sozinho no Playback ninguém constrói uma história com a força e a intensidade do respeito, a honra que o Playback nos ensina a fazer e nos pede para fazer.

Então tanto na condução, na interpretação do elenco de atores e atrizes e na estação da música, a importância é exatamente à mesma. Quando a gente trabalha com alguém na iluminação, quando a gente trabalha com teatros convencionais, com iluminação no palco, a importância é a mesma. E aí também quem tá na luz pode afetar uma cena, botar a cena pra

frente, jogar a cena para trás e enfim trabalhar como um ator como uma atriz ali. Então, tirar a música de um espetáculo de Playback é tirar uma parte extremamente importante do Playback, e o grupo que escolhe fazer isso, tem que fazer uma escolha muito consciente do que está perdendo, do porque fazer isso e estudar, analisar o que ganharia com essa escolha para poder fazer uma escolha consciente e entender que a partir daí você está fazendo uma adaptação. Pelo menos é assim que eu entendo. Você está fazendo uma adaptação da forma, porque a forma original tradicional do que é Playback Theatre, é uma forma de teatro onde a música é tão importante quanto os atores.

Sobre o tamanho da importância da música, eu já fiz algumas apresentações pequenas, em dois anos diferentes, eu me apresentei para os formandos junto com o Jonathan Fox e a Jo Salas. Uma das vezes a Jo Salas conduziu e fez a música, e eu, o Will C. (um outro playbacker americano) e o Jonathan Fox atuamos. A Jo Salas conduzia e fazia a música. Alguns anos depois, eu não lembro se o Jonathan conduziu, eu atuei junto com a Jo Salas e com Élisabeth de Montreal, e a Jo Salas fez a música de dentro das esculturas fluidas, que é uma das formas que a gente usa para representar as emoções. De dentro da cena como atriz ela trouxe o instrumento para dentro da forma da encenação, isso para dizer como a música fundamental, era um espetáculo simples, informal, adaptado, cheio de restrição de logística e nunca se cogitou não levar a música ali. A música é extremamente importante.

#### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Eu me relaciono com a música de diversas maneiras no meu trabalho com o teatro Playback, nos cursos que eu dou eu me preparo com música. Muitas vezes eu inicio um dia com música eu penso cuidadosamente quais músicas eu vou utilizar nos exercícios de aquecimento de corpo, exercício de caminhada, de percepção. Eu escolho a trilha sonora cuidadosamente, eu como narradora no Playback, já compartilhei inúmeros histórias, lembrome de muitas vezes onde a música trouxe um impacto maior que qualquer coisa que qualquer ator tivesse fazendo em cena naquele momento para história. Dois exemplos especificamente, um momento onde o ator cantou a canção que eu havia cantado no momento que eu vivi aquela história, na verdade isso aconteceu duas vezes. Eu não mencionei isso, nem me lembrei disso, mas aquela música apareceu na cena, "misteriosamente", e é um impacto gigantesco.

Eu como atriz me fortaleço com a música, me apoio na música, converso com a música em cena, jogo com ela. Eu me lembro de momentos também muito marcantes para mim onde dialoguei diretamente com a música. Lembro-me de uma cena onde eu falava: "quero ir" e a música me chamava para ficar e eu falava que queria ir e a música me chamava para ficar e eu e o músico ficamos nesse diálogo ali por um tempo. Lembro-me de outra cena onde um músico levantou e se posicionou durante uma encenação e deu um texto ali como uma personagem e naquele momento eu peguei um instrumento levei o instrumento para o meio da cena e levei a música ao fazer música para o meio daquela cena. Eu levei a energia que estava acontecendo ali para o meio daquela cena no lugar do músico que naquele momento tomou uma posição de uma das personagens.

Lembro-me de uma cena onde o músico entrou representando todo o seu sentimento, todo sentimento da personagem com uma gaita e contou toda a história por meio dessa gaita. Dentro do Playback eu também trabalho como musicista. Em muitos ensaios e em alguns cursos, em algumas partes de alguns espetáculos também trabalhei com a música. Não costumo fazer espetáculos inteiros fazendo música, mas em alguns trechos de espetáculos sim, quando a gente faz um rodízio de músicos durante o espetáculo.

Transformar as emoções das histórias em música, os ambientes onde as histórias passam transformar em música e estruturar o rito para história para cena ser desenhada ali para os atores e atrizes é uma conexão muito forte, eu me conecto de maneira muito forte com a música, ainda assim muitas vezes como atriz eu ainda sinto que poderia me conectar mais, que é o grande dilema de quem faz Playback, se exercitar para enquanto você está em cena como atriz ouvir a música e perceber a música, porque muitas vezes a gente não tá com ouvido treinando ali para isso. Mas eu tenho realmente uma relação muito forte.

## 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - Acho que o primeiro estímulo que vem da música para mim é quando ela entra em cena antes de mim, seja uma forma curta ou numa cena longa, quando a música estabelece a energia daquela cena ou daquele momento da cena é como se colocasse um tapete para eu como atriz entrar, ela me influencia muito fortemente. É como se a gente ali já tivesse começando a pintar aquele quadro juntos.

Eu acho que é um estímulo e que dá para pontuar bastante a música aí nesse início de cena e ela vem sozinha, ela vem antes dos atores entrarem, antes de qualquer fala logo depois do "vamos ver", então eu sinto mesmo como um tapete ali estendido para cena acontecer. Então, esse é um estímulo fortíssimo aquela cor que é impressa ali é que determina muita coisa. Muitas vezes quando eu tô trabalhando com bons musicistas a música me convida aprofundar uma emoção que poderia, sem a música, ter ficado um pouco mais superficial. Ela está como se colocasse um negrito na minha atuação e facilita muito, é uma ajuda muito grande para colocar emoção para fora, seja ela qual for.

Outra coisa que dá pra pontuar, é que em alguns momentos em que a música diz aquilo que a personagem diria algo muito difícil de dizer, uma história de trauma, por exemplo, a música pode substituir um grito, pode substituir uma fala que machucou que doeu, a música pode substituir uma punhalada, uma ferida. A música pode ser aquilo que é o mais difícil de mostrar no palco. Então a partir dela a gente constrói aquele momento sendo um estímulo importantíssimo, porque você não nega colocar aquele fato em cena seja ele qual for mesmo um fato mais difícil, mas você o coloca em cena de um jeito com cuidado para não correr o risco de retraumatizar quem compartilhou sua história e também não foge do nosso compromisso de encenar aquilo que foi compartilhado.

E outro estímulo que acontece muito é quando a música pula para frente na história, olha esse pedaço da cena já foi já deu, já acabou, vamos passar para próxima fase. Então a música entra com algum estímulo da próxima parte daquela história que foi contada e aí algo forte que aconteceu na cena seguinte, digamos assim. Então é como se ela virasse a página, ela já convida a gente a mudar para a parte seguinte, às vezes é uma fala que vem dali é um som simples um sino, no telefone alguma coisa mais simples e às vezes é uma música toda que traz uma energia diferente. Às vezes a música já traz uma antecipação de uma próxima emoção, então a gente já sabe que a gente já tá indo para ela, ajuda a criar esse ambiente. E aí falando de ambiente, a música traz ambiência também, é um super estimulo então da música pode vir um cruzamento de ruas numa cidade barulhenta e movimentada, da música pode vir uma feira livre, da música pode vir um país, um local calmo, toda uma cena construída, a música coloca a gente no espaço, a música coloca a gente no deserto a música coloca a gente na Itália, a música coloca a gente na Palestina, a música coloca a gente em Recife. Outro estímulo é o final da cena, a finalização daquela cena. A música conta muitas vezes o momento de acabar aquela cena, ela nos convida sutilmente a encerrar a cena.

### Aline Lima (Cia Nó(s) olhar de teatro Playback – Região Nordeste)

### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - O Teatro Playback chegou à minha vida depois de 2017, na época ainda estava na graduação. No evento "Usina teatral" do SESC, abriu inscrições para várias oficinas e uma delas foi a oficina de teatro Playback, mas eu não me interessei por essa oficina, não procurei saber do que se tratava, só pelo nome eu não fiquei interessada. Mas algumas amigas minhas fizeram essa oficina e disseram que era muito boa. E aí, além da oficina Usina teatral de 2017, o grupo de Teatro Dionísos ofereceram também um espetáculo gratuito no mesmo evento e aí como minhas amigas que participaram da oficina disseram que era muito bom e tal, e disseream que eu deveria assistir esse espetáculo. Aí, eu assistir o espetáculo e realmente me apaixonei, fiquei muito encantada com a questão do improviso, com a questão do compartilhamento de histórias também, e isso tudo juntos, nossa, fiquei muito encantada. Posteriormente, essas minhas amigas que participaram da oficina quiseram continuar pesquisando com teatro Playback, continuar pesquisando teatro Playback, e aí eu entrei nessa em 2017, a gente começou uma espécie de laboratório de experimentos que era o "Lab" a gente ficou com esse grupo somente em 2017, não durou muito, mas já nesse grupo a gente experimentou algumas coisas no Teatro Playback, e aí, só em 2019 que de fato eu entro em um grupo de teatro Playback que é o grupo que faço parte hoje : Cia a No(s) Olhar com essas duas amigas que participaram da oficina da Dionísio.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Eu sempre gostei de assistir improviso, e isso foi uma das razões de eu me interessar pelo teatro Playback. Nas primeiras práticas com o teatro Playback foi tudo muito desafiador. Ainda é tudo muito desafiador, mas cada vez mais ganho confiança em mim, nos meus colegas de cena e no improviso. Quanto mais à gente pratica mais a gente se sente confortável com o improviso. Mas não é fácil.

#### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - A música complementa a cena no teatro Playback, ajudando tanto os atores quanto os espectadores a embarcarem mais na história que está sendo encenada. Isso é claro, quando o músico tem a sensibilidade de acompanhar, musicalmente, os sentimentos e reviravoltas da história.

4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento — a música — para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Acredito que as cenas podem ser feitas sem a música e obter um bom resultado. No grupo a qual faço parte, já tivemos muitos ensaios sem a presença de um músico e as cosias ocorreram bem. Entendo que o músico faz parte da estrutura original do Teatro Playback e que seu trabalho engradece as cenas, entretanto, acredito ser possível ensaios e apresentações sem a presença da música. Mas mesmo sendo possível de ocorrer sem a música, às cenas ficam mais completas quando há.

### 5- Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - De descoberta, ainda. A música, talvez, seja o ponto mais fraco do nosso grupo, pois desde o começo enfrentamos problemas de encontrar um músico fixo, pois os que entraram no grupo saíram em pouco tempo e atualmente estamos sem alguém pra esta função. Então como grupo ainda é algo um pouco solto. E isso acaba influenciando a individualidade. Então, minha relação como atriz com a música no Teatro Playback ainda é um pouco distante por isso. Na função de músico, experimentei algumas vezes, mas não é muito minha praia. Sinto a falta que um músico fixo faz no nosso grupo, pra nos ajudar a entrar mais nesse universo.

## 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - A música me ajuda a perceber e acompanhar o ritmo das cenas. Além disso, possibilita um mergulho mais fundo nos sentimentos, não só da personagem que estou fazendo, mas nos sentimentos que estão pairando na cena como um todo.

### Cynthya Dias (Cia Nó(s) olhar de teatro Playback – Região Nordeste)

#### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - Em 2017, através de uma oficina de inicialização oferecida pelo evento Usina Teatral, cujo tema era "Teatro e Memória: as interfaces das narrativas do Teatro do Real na cena contemporânea". Na época eu era estudante de 4º período do curso de Teatro/licenciatura e foi uma das experiências mais marcantes em toda minha graduação.

### 2- Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Enxergo o teatro de improviso em diversas instâncias do teatro, não necessariamente quando a gente se propõe a discutir o teatro do improviso. Estamos o tempo todo improvisando na vida e na arte, porque sempre precisamos partir de algum lugar, dar um primeiro passo e esse primeiro passo, seja na vida ou na cena é improviso para mim.

Por estar em um curso de licenciatura em teatro, muitas informações me chegavam ao que se diz respeito ao improviso, mas o teatro de improviso chegou para mim no ensino médio quando tive meus primeiros ensaios de duas peças que eu apresentaria naquele ano. A professora era, na época, aluna em formação do curso superior de Teatro da UFPE e trouxe jogos de improvisação para fomentar o trabalho que ela faria com a gente naquele ano. Mas enxergo todas essas outras formas de improviso diferentes da que o Playback propõe... Tem algo a mais que só quem joga sente, é como se no Playback eu chegasse ao nível máximo dos tipos de improviso, é, até então, o último nível do jogo chamado improvisação.

### 3- Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - Essencial. Tanto os atores, o condutor, o músico o narrador, para mim, é igualmente importante. Fazem a cena de o Playback ser mostrada com completude.

### 4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse

### elemento – a música – para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Compreendo que há grupos de Playbackers que tratam como opcional a música e o músico, mas para mim e para a Cia tivemos a oportunidade de experimentar os dois formatos, com e sem a presença do músico e da música... Ao ter a presença do músico e da música pudemos perceber a devida importância para a cena do Playback. O músico atua como ator em cena e diretor da cena, porque é ele que diz quando começa e quando termina a cena. Assim como o Condutor é o diretor da dramaturgia e é o dramaturgista da cena.

#### 5- Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Sempre que necessário estou em cena, na sala de ensaio, ou em qualquer lugar caminhando com a música. Minha experiência com os instrumentos sempre existiram desde a minha adolescência, tocar instrumentos como violão, instrumentos de percussão, de sopro e teclado me possibilitam enxergar com o ouvido e tenho muito mais sensibilidade para a música no teatro, o que funciona ou não. Tudo se mostra significativo quando envolvo a música. Tudo é música pra mim.

### 6- O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - A música no Playback é outra forma de respirar em cena, meus movimentos acompanham a música como a respiração nos acompanha se andamos mais rápido ou mais devagar. É como uma energia que nos dá direção nos diz por onde caminhar na cena. Resumiria em respiração e direção/sentido.

### Camila Canani (Teatro Playback Porto Alegre – Região Sul)

#### 1 - Como o teatro Playback chegou na sua vida?

R - Eu fazia especialização em Psicodrama em uma clínica onde uma das psicólogas havia morado no México e praticado teatro Playback por algum tempo. Minha professora havia falado sobre um grupo que reunia israelenses e palestinos em apresentações de Playback, buscando construção de paz entre esses povos, e achei muito interessante. Assim, algum tempo depois (em 2018), quando essa psicóloga que havia morado no México organizou a vinda da Sheila Donio para realização de um curso na minha cidade, fiz questão de participar e me apaixonei. Todos participantes pareciam muito empolgados, mas acabaram não topando formar um grupo na época. Com auxílio de uma bolsa no ano seguinte, pude participar do International Playback Theatre Camp, evento de 7 dias com diversos workshops, e ao retornar montei meu próprio grupo em Porto Alegre.

### 2 - Compreendendo que o gênero do teatro Playback tem por forma o caráter improvisacional, como foi primeiramente sua relação com o teatro de improviso?

R - Quando estava na faculdade de psicologia, fiz um estágio com psicodrama e teatro espontâneo em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, coordenado por psicodramatistas em formação. Esses psicodramatistas formaram um grupo que realizava encontros de jogos de improviso semanalmente. Na época, eu era muito tímida e nunca conseguia participar das cenas com público, apenas dos jogos em duplas, trios e grupos menores. Alguns anos depois, fiz aulas de teatro e de improvisação, e foi bastante natural. Claro, muitas vezes dava um frio na barriga e insegurança, mas acho que até hoje o que me encanta no improviso é a falta de rotina e as surpresas que vemos vinda dos outros e de nós mesmos.

### 3 - Como você entende o papel da música e do músico no teatro Playback?

R - Considero a música e o musicista como mais um dos atores e essenciais na construção, manutenção e transição de clima emocional da cena e mesmo da plateia.

# 4 - Considerando que há uma interpretação, da parte de alguns grupos, de que o teatro Playback pode ocorrer sem a música, qual a sua opinião com relação à necessidade desse elemento — a música — para o teatro Playback? Já houve alguma experiência do Playback sem a música?

R - Para mim, a música é um elemento necessário no Playback. Por vezes, em workshops e ensaios online de que participei, não houve música e não acho que seja ruim ou errado para aqueles que já tem experiência com Playback e sabem que é uma ocasião excepcional por praticidade ou questões técnicas. Porém, quando se vai ensinar a alguém novo, a música deve ser incluída, pois faz parte dos elementos básicos do Playback. No meu grupo não temos musicista profissional e já houve cenas que fizemos com pouca música ou de qualidade bastante amadora, mas acredito que o ideal é ter uma ou mais pessoas que tenham habilidade em improvisar musicalmente, assim como os atores devem ter habilidade em improvisar na atuação, para que musicista e atores possam interagir com qualidade e potência estética.

#### 5 - Qual a sua relação pessoal com a música no teatro que você faz?

R - Eu gostaria de me aperfeiçoar na música, pois rotamos esse papel e sinto que temos muito a melhorar. Como atriz, percebo que as ofertas musicais facilitam para mim transicionar de um momento/emoção para outro na história e que a música por vezes é essencial para indicar e determinar a finalização de uma cena.

### 6 - O que você pontua de estímulo da influência da música no seu processo de criação improvisacioal do teatro Playback?

R - O andamento (velocidade), ritmo, tonalidade (menor ou maior normalmente diferenciam entre um clima emocional mais triste/tenso e mais tranquilo/feliz) e silêncios da música influenciam muito na jornada emocional dos personagens que atuo. A essência da história, composta de várias camadas, também faz com que às vezes, eu atue em sintonia com a música (o personagem feliz com uma música feliz), por vezes como complemento - por exemplo, quando o ator-narrador menciona discrepância entre suas ações e emoções, posso representar

muita felicidade mas a música denuncia a tristeza de fundo. Então, é importante ter sempre em mente que nem sempre a música guia na mesma direção que sua própria essência, mas justamente ao contrário. É uma relação de colaboração em que, como com outros atores, jogamos improvisamos juntes e nos influenciando mutuamente.